

Acertando o alvo 3

DESVENDANDO O
MERCADO BRASILEIRO
DE MADEIRA AMAZÔNICA
CERTIFICADA FSC®



Ficha catalográfica:

Acertando o alvo 3 / Marco W. Lentini, Patrícia Cota Gomes, Leonardo Sobral
Piracicaba, SP: Imaflora, 2012. 73 p.

ISBN: 978-85-98081-58-8



1. Certificação. 2. Brasil - Floresta. 3. Manejo.
4. Amazônia. 5. FSC. I. Título.

Para democratizar ainda mais a difusão dos conteúdos publicados no Imaflora, as publicações estão sob a licença da Creative Commons (www.creativecommons.org.br), que flexibiliza a questão da propriedade intelectual. Na prática essa licença libera os textos para reprodução e utilização da obra com alguns critérios: apenas em casos em que o fim não seja comercial, citada a fonte original (inclusive o autor do texto) e, no caso de obras derivadas, a obrigatoriedade de licenciá-las também em Creative Commons.






Essa licença não vale para fotos e ilustrações, que permanecem em copyright.

Você pode:

-  Copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
-  Criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

-  **Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.
-  **Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
-  **Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.



O Imaflora (Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola) é uma organização brasileira, sem fins lucrativos, criada em 1995 para promover a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais e para gerar benefícios sociais nos setores florestal e agropecuário.

Conselho Diretor:

Adalberto Veríssimo
André Villas-Bôas
Célia Cruz
Maria Zulmira de Souza
Sérgio A. P. Esteves
Tasso Rezende de Azevedo
Ricardo Abramovay

Conselho Consultivo:

Marcelo Paixão
Marilena Lazzarini
Mário Mantovani
Fábio Albuquerque
Rubens Ramos Mendonça

Conselho Fiscal:

Adauto Tadeu Basílio
Erika Bechara
Rubens Mazon

Secretaria Executiva:

Maurício Voivodic
Eduardo Trevisan Gonçalves

Comunicação:

Priscila Mantelatto
Jaqueline Lourenço
Beatriz Borghesi
Fátima Nunes



Créditos

Realização

INSTITUTO DE MANEJO E CERTIFICAÇÃO
FLORESTAL E AGRÍCOLA (IMAFLORA)

Apoio Financeiro

Programa TAA (*The Amazon Alternative*)
IDH/ICCO

Apoio Técnico

FSC Brasil

Coordenação

Patrícia Cota Gomes

Métodos

FSC Brasil
Isabel Garcia Drigo
Leonardo Sobral
Marco W. Lentini
Patrícia Cota Gomes

Equipe de pesquisa

Bruna Leal
Bruno Brazil
Helena Gomes
Helga Yamaki
Leonardo Sobral

Marco W. Lentini

Patrícia Cota Gomes

Renato Pasqual

Roberto Palmieri

Autoria

Marco W. Lentini

Patrícia Cota Gomes

Leonardo Sobral

Revisão técnica

Denys Serrão Pereira

Lilian Sarrouf

Luís Fernando Guedes Pinto

Revisão gramatical

Cimara Pereira Prada

Edição

Senha Comunicação

Fotografias

Acervo Imaflora*

LN Guerra

Triunfo

Amata

Mil Madeiras

**As fotografias utilizadas nesta publicação fazem parte do acervo Imaflora e têm a finalidade de ilustrar os processos e de promover as comunidades e as propriedades certificadas.*



Sumário

PREFÁCIO	10	CAPÍTULO 2. A PRODUÇÃO ATUAL E POTENCIAL DE MADEIRA CERTIFICADA FSC NA AMAZÔNIA	36
RESUMO EXECUTIVO	12	O POTENCIAL DE AUMENTO DA PRODUÇÃO DE MADEIRA CERTIFICADA FSC NA AMAZÔNIA	40
CAPÍTULO 1: A CERTIFICAÇÃO FLORESTAL FSC NO BRASIL E NO MUNDO	24	AS VANTAGENS E AS DESVANTAGENS DA CERTIFICAÇÃO DAS FLORESTAS	41
A HISTÓRIA DA CERTIFICAÇÃO FLORESTAL NO MUNDO E NO BRASIL	26	CAPÍTULO 3. O MERCADO ATUAL E POTENCIAL DA MADEIRA CERTIFICADA FSC DA AMAZÔNIA	44
AS PERSPECTIVAS PARA A EXPANSÃO DA CERTIFICAÇÃO FLORESTAL FSC NA AMAZÔNIA	29	O MERCADO DA MADEIRA AMAZÔNICA CERTIFICADA FSC	47
A PROMOÇÃO DE MERCADOS PARA A MADEIRA CERTIFICADA FSC DA AMAZÔNIA	30	PARTICIPAÇÃO DOS PRODUTOS CERTIFICADOS NA PRODUÇÃO DE MADEIRA DA AMAZÔNIA	47
MÉTODOS DO ESTUDO	31	VANTAGENS DA CERTIFICAÇÃO PARA AS SERRARIAS E AS INDÚSTRIAS CERTIFICADAS	51
AS FASES DO ESTUDO	33		

O POTENCIAL DE AUMENTO DO MERCADO DA MADEIRA AMAZÔNICA CERTIFICADA..... 51

MERCADO POTENCIAL 1: ATUAIS SERRARIAS E INDÚSTRIAS CERTIFICADAS 51

MERCADO POTENCIAL 2: SERRARIAS E INDÚSTRIAS QUE JÁ FORAM CERTIFICADAS 53

MERCADO POTENCIAL 3: INDÚSTRIAS QUE NUNCA FORAM CERTIFICADAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM SÃO PAULO 55

OPORTUNIDADES PARA O SELO FSC COMUNITÁRIO 56

CAPÍTULO 4. OS ENTRAVES À EXPANSÃO DA CERTIFICAÇÃO FLORESTAL NA AMAZÔNIA E RECOMENDAÇÕES DO ESTUDO 58

A PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE OS OBSTÁCULOS À CERTIFICAÇÃO FLORESTAL FSC NA AMAZÔNIA 59

AS RECOMENDAÇÕES DOS ENTREVISTADOS À EXPANSÃO DA CERTIFICAÇÃO FLORESTAL NA AMAZÔNIA 60

CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS DO ESTUDO 61

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 68

ANEXOS 70

Lista de Tabelas

Tabela 1.

Número de serrarias certificadas e produção em tora gerada antes e após a desclassificação, por estado, 2011 15

Tabela 2.

Amostra atingida dentre os empreendimentos existentes em cada etapa do estudo, tendo como base outubro de 2011. 35

Tabela 3.

Caracterização dos produtores de madeira certificada na Amazônia Brasileira em 2011 37

Tabela 4.

Produção de madeira em tora certificada por estado em 2011; produção certificada desclassificada e participação provável da madeira certificada no setor florestal dos estados da Amazônia, 2009-2011 38

Tabela 5.

Consumo de madeira em tora certificada pelas serrarias certificadas por estado, 2011 39

Tabela 6.

Número de empresas, consumo de madeira certificada em tora e consumo de madeira processada das serrarias e indústrias certificadas em 2011 45

Tabela 7.

Participação provável dos produtos finais certificados na produção madeireira da Amazônia, 2009-2011. 49





Lista de Figuras

Figura 1.

Resultados de produção e de mercado de produtos certificados da Amazônia em 2011. 19

Figura 2.

Os tipos de certificação FSC existentes e as implicações para a comercialização dos produtos oriundos de florestas certificadas. 25

Figura 3.

Histórico da certificação florestal FSC no mundo e no Brasil. 26

Figura 4.

Área florestal e número de indústrias certificadas no Brasil e na Amazônia em junho de 2012 27

Figura 5.

Marcos de promoção da certificação florestal e estudos sobre o tema na Amazônia. 31

Figura 6.

Resumo dos resultados de produção de madeira certificada FSC na Amazônia em 2011 39

Figura 7.

Resumo dos resultados de produção de madeira certificada na Amazônia em 2011, além do potencial para a expansão da produção no curto prazo..... 40

Figura 8.

Destinos atuais da madeira em tora gerada pelas potenciais florestas certificadas na Amazônia 41

Figura 9.

Razões para a opção pela certificação nas florestas certificadas amazônicas, 2011 41

Figura 10.

As vantagens da certificação florestal segundo as florestas certificadas atuais e potenciais da Amazônia, 2011 42

Figura 11. As desvantagens da certificação florestal segundo as florestas certificadas na Amazônia, 2011	42
--	----

Figura 12. Resumo do mercado atual e potencial por produtos madeireiros certificados da Amazônia	46
--	----

Figura 13. Comparação entre o mercado dos produtos madeireiros amazônicos (2009) e o mercado dos produtos certificados em 2011.	47
---	----

Figura 14. Mercado dos produtos madeireiros certificados amazônicos em 2011	49
--	----

Figura 15. Os benefícios da certificação florestal segundo as serrarias e as indústrias certificadas na Amazônia, 2011	51
--	----

Figura 16. Origem da madeira processada comprada pelas serrarias e pelas indústrias certificadas, distinguindo os produtos certificados e não certificados.....	52
--	----

Figura 17. Tipos de produtos de madeira processada comprada pelas serrarias e pelas indústrias certificadas, distinguindo os produtos certificados e não certificados e.....	52
---	----

Figura 18. Principais entraves à expansão do setor florestal certificado na Amazônia e principais recomendações providas pelos entrevistados no estudo.....	60
--	----



Prefácio

Treze anos após a publicação do *Acertando o Alvo*, a produção de madeira na Amazônia continua sendo alvo de preocupação por seu ainda alto nível de ilegalidade e de impacto socioambiental. Desde então, muitos foram os avanços em políticas florestais, programas de fiscalização, monitoramento de desmatamento, etc... Mas, infelizmente, a maior parte da madeira Amazônica continua sendo produzida de forma ilegal ou predatória.

No primeiro *Acertando o Alvo*, publicado em 1999 em uma parceria entre Amigos da Terra – Programa Amazônia Brasileira, Imazon e Imaflora, estudamos para onde a madeira Amazônica estava indo e descobrimos que o mercado Brasileiro consumia 86% de toda a produção, contrariando o senso comum à época que era de responsabilizar o mercado externo pela produção insustentável da madeira tropical brasileira. Em 2002, o estudo *Acertando o Alvo 2* investigou o funcionamento do mercado nacional de

madeira Amazônica, em especial o mercado do Estado de São Paulo, onde se consumia uma a cada cinco árvores cortadas na Amazônia àquela época.

Estes dois estudos compartilhavam o objetivo de se entender o mercado de madeira para poder promover, de forma articulada e estratégica, uma produção florestal sob bases mais sustentáveis, estimulando a certificação florestal FSC[®] como forma de se garantir as boas práticas de produção, assim como uma maior transparência e controle social ao longo da cadeia produtiva.

Recentemente nos deparamos com o seguinte dilema: produtores florestais na Amazônia, certificados pelo FSC[®] ou interessados em se certificar, afirmam que não há demanda suficiente por madeira certificada, nem no mercado externo e nem no mercado doméstico. Ao mesmo tempo, compradores de madeira Amazônica, seja no Brasil ou no exterior, afirmam que



querem comprar madeira certificada, mas têm dificuldades em encontrar fornecedores que atendam suas demandas.

O presente estudo traz luz a esta situação na medida em que apresenta um raio-x detalhado da situação atual do mercado de madeira Amazônica certificada FSC, novamente com um enfoque no Estado de São Paulo, ainda o seu maior consumidor. Mercados menos opacos, onde há informações disponíveis sobre oferta, demanda e consumo, têm maior propensão a crescer e trazer resultados positivos para as empresas. Neste caso, o crescimento do mercado de madeira Amazônica certificada FSC trará ganhos muito maiores, para o meio ambiente, para trabalhadores florestais, e para as comunidades amazônicas que dependem da floresta em pé para a sua subsistência.

O principal parceiro neste estudo foi o FSC Brasil, que apoiou com seu conhecimento sobre o setor e abriu as portas para que

entrevitássemos atores importantes do mercado de madeira certificada. Além disso, teve papel fundamental para o sucesso deste estudo a The Amazon Initiative (TAA), iniciativa do governo holandês em parceria com o setor privado, que tem como objetivo aumentar a produção de madeira certificada na Amazônia. O TAA, além de viabilizar financeiramente este estudo, tem subsidiado em 50% as ações necessárias na preparação para certificação FSC, assim como as auditorias de pré-certificação de manejo florestal e cadeia de custódia, contribuindo muito para a recente retomada no crescimento da área certificada na Amazônia. A estas duas organizações somos muito gratos, assim como a todas as pessoas que participaram do estudo, compartilhando suas visões e fornecendo informações essenciais para o melhor entendimento do problema.

Maurício Voivodic
Secretario Ejecutivo do Imaflo



Resumo Executivo

Nos dias atuais, ao redor do mundo, mesmo empresas convencionais, que utilizam os recursos naturais em sua matriz de produção, têm sido levadas a considerar boas práticas de conduta socioambiental em seus sistemas de produção. Tal evolução foi provocada por décadas de discussão a respeito do conceito de **desenvolvimento sustentável**¹. Nesse contexto, o tema da certificação florestal merece especial importância. A certificação FSC (*Forest Stewardship Council*[®]) foi cunhada, logo após a Rio-1992, como uma alternativa de conciliação entre os interesses socioambientais e os econômicos, em uma estrutura transparente de monitoramento e de governança de práticas produtivas florestais.

Desde 1993, a certificação FSC atingiu uma área de 150 milhões de hectares de florestas em 80 países², constituindo, hoje, o sistema

de certificação florestal mais disseminado do planeta. O Brasil é o sexto país em termos da área certificada, com 6,3 milhões de hectares. Enquanto a maior parte dessa área são plantações florestais localizadas no sul, sudeste e nordeste do Brasil, a certificação de florestas naturais na Amazônia (1,26 milhão de hectares) tem evoluído lentamente. Entretanto há, hoje, novas perspectivas para a expansão do manejo florestal na Amazônia, devido à implementação de uma política de concessões florestais e de incentivo ao desenvolvimento do manejo florestal comunitário e familiar. Nesse contexto, a certificação FSC pode ser um importante aliado da sociedade, ao estimular e viabilizar um ambiente de transparência aprimorada no setor florestal, direcionando-o, de forma independente, às melhores práticas e diminuindo, portanto, os esforços requeridos na fiscalização e no

¹O termo desenvolvimento sustentável foi originalmente cunhado em 1992 na Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente (Rio 1992), e mais recentemente trazido novamente à pauta durante a Conferência Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, ou Rio +20.

²Tomando como base junho de 2012.



combate às atividades ilegais. Em 2011, o Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (IMAFLORA) conduziu este estudo, com o objetivo de solucionar algumas lacunas de conhecimento sobre a interação entre a oferta e a demanda de produtos madeireiros certificados FSC da Amazônia, uma falha de informação crítica, considerando as perspectivas para a expansão do mercado certificado. O estudo contém, como objetivos específicos,

- 1 - Descrever as relações de mercado já existentes entre os produtores certificados e os compradores de tais produtos;
- 2 - Desvendar as principais oportunidades de mercado ou setores que podem consumir madeira certificada FSC em um futuro próximo;
- 3 - Identificar as demandas por madeira certificada com o selo *FSC Comunitário*, ou seja, madeira certificada proveniente de comunidades

4 - Recomendação para expandir a certificação.

O estudo foi realizado utilizando questionários estruturados, criados para levantar informações, qualitativas e quantitativas, dos empreendimentos florestais, além das percepções dos entrevistados sobre os problemas e as perspectivas do setor. Foram entrevistadas empresas e comunidades proprietárias de florestas, além de serrarias e de indústrias consumidoras de madeira da Amazônia, tanto certificada como não certificada.

O estudo toma, como base, o período de outubro de 2011.



O Mercado da Madeira Amazônica Certificada

A produção atual certificada

Em 2011, havia 16 florestas certificadas, gerando cerca de 596 mil m³ de madeira em tora (86% dessa produção, nos estados do Pará e do Amazonas). As quatro maiores empresas, ou seja, 25% do total, produziam 82% da madeira em tora certificada da Amazônia. Nessa direção, um fenômeno, identificado no mercado amazônico foi uma alta proporção de **desclassificação da madeira em tora certificada**, ou seja, comercializaram-se toras certificadas como **não certificadas**. Em 2011, 28% da produção de madeira em tora da Amazônia foi desclassificada, o equivalente a 169 mil m³.

O que levaria uma empresa a fazer a desclassificação de toras certificadas?

Existem diferentes razões de mercado para uma empresa fazer a desclassificação. Comumente, serve a uma estratégia

comercial, no caso de venda a serrarias e a indústrias indispostas a pagar qualquer preço adicional pela certificação. Outras empresas, entretanto, adotam, como estratégia comercial, não desclassificar a madeira nesses casos.

Não há, portanto, um comportamento predominante de mercado em relação à questão.

Dessa forma, embora a produção certificada pudesse ter contribuído, em 2011, para atender a 4% da demanda em tora da região, a desclassificação acabou por deixar apenas 426 mil m³ certificados disponíveis para o restante da cadeia, satisfazendo a 3% da demanda por madeira em tora da Amazônia³. Essa madeira em tora, não desclassificada, foi, então, utilizada por 18 serrarias certificadas.

Tabela 1. Número de serrarias certificadas e produção em tora gerada antes e após a desclassificação, por estado, 2011 (Fonte: dados deste estudo).

Estado	Produção em tora certificada total (m ³)	Produção desclassificada (m ³)	Número de empresas envolvidas no processamento	Consumo de madeira certificada em tora das serrarias
Acre	51.531,00	6.000,00	3	45.531,00
Amazonas	148.000,00	4.298,16	2	143.701,84
Mato Grosso	12.406,17		1	12.406,17
Pará	365.488,00	158.987,20	9	206.365,40
Rondônia	12.406,17		1	12.406,17
Roraima	6.335,000		1	6.335,000
Outros Estados*			1	135,40
Total	596.166,33	169.285,36	18	426.880,97

³ Baseado em estimativas produzidas pelo IMAZON em 2009-10 (PEREIRA e colaboradores, 2010).

* Refere-se a indústrias certificadas, localizadas fora da Amazônia, que adquirem pequenos volumes de madeira em tora para a confecção de seus produtos.

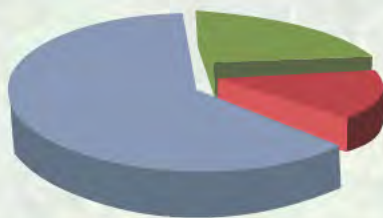
O potencial de aumento da produção certificada.

As florestas certificadas atuais possuem um potencial de 134 mil m³ de aumento na produção, ou seja, um aumento de até 23% nos próximos dois ou três anos. Em outras palavras, a produção total passaria de 596 mil m³ para, aproximadamente, 730 mil m³ de madeira em tora⁵. As demais empresas não certificadas, mas com potencial de certificação, detêm 453 mil hectares de florestas. Se as previsões dos empreendimentos se concretizarem, a área total certificada teria um aumento de 36% frente à área atual, o que representaria, para fins de produção madeireira na Amazônia, cerca de 316 mil m³ de madeira em tora a mais no mercado.

A produção de madeira em tora certificada atual é de quase 600 mil metros cúbicos anuais. Essa produção pode aumentar para 1 milhão de metros cúbicos no curto prazo (dois ou três anos).

Mercado dos produtos madeireiros amazônicos em 2009

(Fonte: PEREIRA e colaboradores, 2010).



Restante do Mercado Nacional
62%

Exportação
22%

Amazônia Legal
16%

As serrarias e as indústrias certificadas

Identificamos 50 serrarias e indústrias com certificação FSC de cadeia de custódia⁶ processando madeira amazônica certificada. Dentre elas, dezoito eram serrarias responsáveis pela conversão da madeira em tora em produtos, pertencendo nove delas às próprias empresas detentoras de florestas certificadas. Dessa forma, restavam 32 empresas que consumiam a madeira já processada, oriunda dessas serrarias.

O mercado da madeira certificada: exportação versus mercado interno.

Identificamos 107,7 mil m³ de produtos certificados amazônicos comercializados em 2011. Contrapondo o comportamento do mercado de madeira da Amazônia, onde a maior parte da produção (78%) se destina ao mercado nacional, 68% da produção certificada amazônica (quase 73 mil m³) se destinavam à exportação. Outros destinos importantes foram o estado de São Paulo (14% do total) e o Nordeste brasileiro (9%).

Mercado dos produtos madeireiros certificados da Amazônia em 2011

(Fonte: dados deste estudo).



Exportação
68%

Restante do Mercado Nacional
30%

Amazônia Legal
2%

⁵ Baseado em modelo de regressão linear ajustado a partir dos dados de área e de produção das atuais florestas certificadas (ver Anexos deste estudo).

⁶ Refere-se à certificação de serrarias e indústrias para usar o selo FSC em seus produtos. Mais detalhes no Capítulo 1 deste estudo.

Os produtos comercializados.

A grande maioria, 83 mil m³ (ou seja, 77%) de madeira certificada foram comercializados na forma de produtos serrados, produzidos para o mercado de construção civil, ou para o reprocessamento em outras regiões. Mais de 80% da madeira certificada exportada seguiram apenas como madeira serrada. No caso de São Paulo, cerca de 56% da produção chegou aos mercados como compensados, seguidos pela madeira serrada (38%). Essa produção representou menos de 2% do total de produtos madeireiros, comercializados pela Amazônia, em 2011.

Produtos madeireiros amazônicos certificados



Destinos da produção madeireira amazônica certificada.



Potencial de aumento do mercado da madeira certificada.

Primeiro, as atuais serrarias e indústrias certificadas (50) compraram 130 mil metros cúbicos de madeira em tora não certificada. Cerca de 86% desse volume (112 mil m³) foi comprado no estado do Pará, onde se concentra a maior parte dessas empresas. Identificamos que 71% de suas atuais compras de produtos madeireiros não certificados (103 mil m³ anuais) poderiam ser substituídos por madeira certificada, por interesse das próprias empresas.

Em seguida, as serrarias e as indústrias que já foram certificadas (14) revelaram um potencial de compra de madeira certificada (ou seja, as compras atuais de madeira não certificada, as quais há o interesse em substituir por madeira certificada) inferior a 3 mil metros cúbicos, ou menos de 5% do total de compras dessas empresas.

Terceiro, amostramos empresas da construção civil em São Paulo, entre os segmentos de maior interesse por boas práticas socioambientais. Dentre os depósitos ou revendas de madeira com o selo *Madeira Legal* no CADMADEIRA⁷, que utilizavam madeira amazônica (88% do total de empresas), 32% demonstraram interesse na substituição dos volumes atuais não certificados por produtos certificados. Apesar disso, apenas 5% disseram que seus

⁷ O CADMADEIRA é um projeto da Secretaria Estadual de Meio Ambiente de São Paulo que cadastra "pessoas jurídicas que comercializam, no Estado de São Paulo, produtos e subprodutos de origem nativa da flora brasileira". O cadastro implica uma verificação da legalidade dos documentos de origem da matéria-prima e a ausência de atuações ambientais do empreendimento (ver <http://www.ambiente.sp.gov.br/madeiralegal/cadmadeira.php>).

clientes apresentam alguma demanda por certificação, originando uma demanda potencial por produtos certificados de 3,8 mil metros cúbicos.

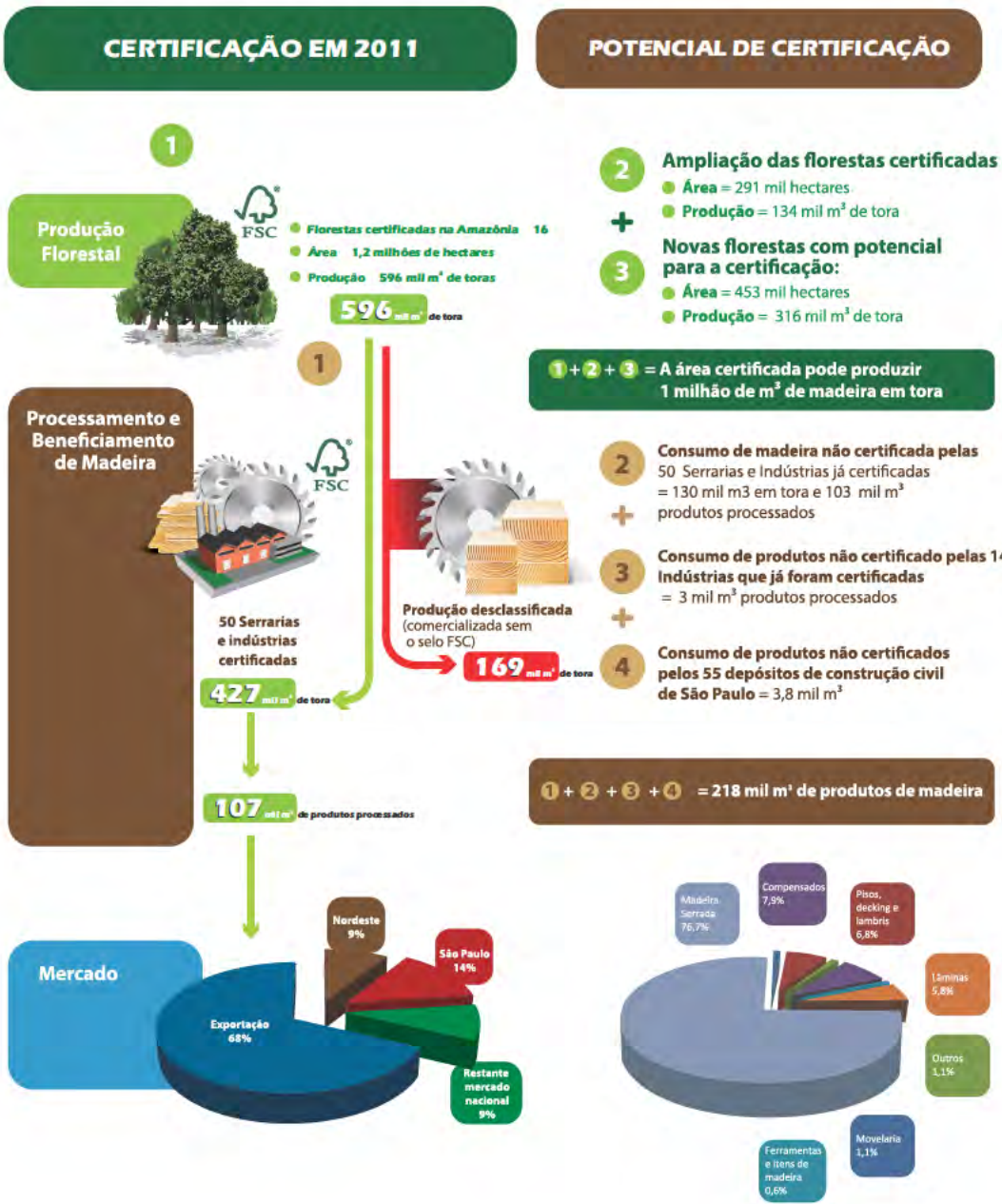
Já dentre as incorporadoras e as construtoras afiliadas ao GFTN, 75% reportaram que têm utilizado madeira amazônica. Entretanto apenas um terço delas reportou o uso de madeira FSC⁸. Cerca de 60% das empresas demonstraram

interesse em substituir suas compras atuais por madeira certificada. Entretanto quase 40% das empresas destacaram as grandes dificuldades, que existiam em 2011, para encontrar fornecedores de madeira certificada. Finalmente, quase 90% dos entrevistados disseram que teriam o poder de influência sobre o comportamento de seus fornecedores, no sentido de obter mais produtos certificados.

A produção atual de produtos de madeira amazônica certificados é de 107,7 mil metros cúbicos (2011), comercializados principalmente nos mercados de exportação (68%). Entretanto, há a oportunidade, no mercado nacional, para produtos certificados, estimada em 110 mil metros cúbicos em potenciais empresas compradoras, certificadas ou não, que atualmente adquirem madeira não certificada. Fora isso, as serrarias certificadas compraram, em 2011, cerca de 130 mil metros cúbicos de madeira em tora não certificada.

⁸Poucas empresas entrevistadas cederam informações sobre os volumes atualmente comprados de madeira amazônica ou certificada, de forma que optamos por omitir tais informações.

Figura1. Resultados de produção e de mercado de produtos certificados da Amazônia em 2011.





A demanda potencial no curto prazo (para os próximos 2 ou 3 anos) por produtos madeireiros certificados amazônicos pode chegar a 218 mil metros cúbicos. Existe a possibilidade de essa demanda ser correspondida pela expansão da produção em tora certificada na Amazônia, nesse mesmo período — aumento de até 400 mil metros cúbicos nos próximos dois ou três anos.

Oportunidades para o selo FSC comunitário

O selo foi criado em 2011, a partir da premissa de que poderia contribuir para compensar as dificuldades maiores que os empreendimentos comunitários têm para certificar-se e para comercializar a produção. Entre as serrarias e as indústrias certificadas, cerca de 60% responderam que há o interesse em comprar produtos comunitários.

Surpreendentemente, $\frac{3}{4}$ das empresas que demonstraram interesse nos produtos comunitários disseram estar dispostas a pagar um sobrepreço por tais produtos. A principal razão para isso é a imagem da empresa e as possibilidades de marketing indireto.

Percepção dos entrevistados sobre as vantagens e desvantagens da certificação

Tanto os representantes de florestas certificadas, como os de serrarias e indústrias certificadas disseram que os principais benefícios da certificação estavam ligados ao marketing indireto, à abertura de mercados e à maior facilidade de colocar seus produtos em mercados específicos. O sobrepreço eventual pelos produtos certificados foi citado, com um enfoque menor. Entretanto, como desvantagens, uma parcela importante aferiu maiores custos de produção frente aos concorrentes



e a falta de prioridade dos compradores em realizar suas escolhas de compra com base na origem da madeira. Os representantes de indústrias também reclamaram sobre a falta de fornecedores de matérias-primas certificadas no mercado.

Recomendações para a Expansão da Certificação FSC

1 - O potencial de mercado

Este estudo identificou que o mercado de construção civil no estado de São Paulo apresenta potencial de aumento nas compras de materiais certificados. É preciso, a partir dessas informações, desenhar uma estratégia exclusiva para satisfazer as necessidades dos compradores e dos fornecedores de madeira certificada, de modo a apoiar potenciais transações comerciais. Outros mercados podem ser identificados e incorporados a esta estratégia, no futuro;

2 - O aumento do valor de uso e da lucratividade da floresta

Muitos produtores florestais entrevistados neste estudo viram, nos produtos florestais não madeireiros (óleos, sementes, etc.) e em serviços (carbono, etc.), boas possibilidades de uso adicional das florestas certificadas. O aumento da quantidade de produtos e de serviços nas áreas certificadas poderia estimular a entrada de novos produtores e auxiliar na diluição dos custos diretos e indiretos da certificação florestal. Da mesma forma, o desenvolvimento de tecnologias para o melhor aproveitamento das diferentes espécies de madeira existentes poderia aumentar a competitividade desses produtos;

3 - Sistemas que facilitem as transações comerciais

O FSC Internacional já deu um primeiro passo nesse sentido, ao criar o sistema info (info.fsc.org), que contém todas as informações sobre os empreendimentos certificados em manejo florestal e em cadeia de custódia no planeta. No nível nacional, talvez uma plataforma, a partir das informações dos empreendimentos florestais brasileiros, possa ser desenhada, na tentativa de conectar a oferta e a demanda de produtos certificados;

4 - Explorar os benefícios da certificação à imagem das empresas.

Grande parte dos empreendimentos

contatados no estudo destacou a melhoria da imagem da empresa como a principal vantagem da certificação. Nesse sentido, as empresas certificadas deveriam criar estratégias de mercado, visando a repassar esse diferencial de imagem a toda a cadeia produtiva;

5 - Campanhas de divulgação do selo FSC no mercado nacional

A divulgação seria voltada aos elos compradores intermediários da cadeia, em especial àqueles dispostos a pagar um diferencial de preço pelos produtos certificados. O mesmo raciocínio é válido para o selo FSC comunitário. Em especial, as atuais serrarias e indústrias, adquirindo madeira em tora certificada ou madeira processada de outras serrarias, seriam alvos interessantes nesse sentido;


6 - O papel do governo nas compras públicas

Embora a participação do governo nas compras de produtos madeireiros amazônicos seja ainda desconhecida, possui um papel chave para estimular a produção e o consumo de madeira certificada. Licitações de compras e outros mecanismos poderiam dar preferência a fornecedores que podem suprir a demanda com produtos de boa origem;

7 - O papel do governo no aumento dos incentivos

A primeira recomendação é que continue sendo dada prioridade a ações de combate à exploração ilegal. Em seguida, o governo precisa reconhecer que a certificação florestal auxilia no monitoramento e no controle do setor e retira das agências públicas parte da carga imposta por ações de fiscalização. É importante que sejam avaliados mecanismos para o incentivo à certificação, em aspectos como impostos, subsídios ou incentivos. Em seguida, é precisa uma estratégia para a concessão de crédito financeiro às empresas que detenham a certificação.





CAPÍTULO 1
A certificação florestal
FSC no Brasil e no mundo

A certificação florestal FSC (Forest Stewardship Council) constitui um mecanismo independente de avaliação dos aspectos sociais, ambientais e econômicos de sistemas de manejo florestal ao redor do mundo. A certificação atesta, dessa forma, que um determinado produto foi gerado em um sistema ambientalmente adequado, socialmente justo e economicamente viável.

A certificação não é um mecanismo governamental.

A certificação é voluntária e, para obtê-la, o empreendimento florestal (empresas de quaisquer escalas ou comunidades) precisa atender a critérios que vão além do simples cumprimento da legalidade, demonstrando um alto desempenho socioambiental.

Existem dois tipos de certificação FSC. O primeiro, localizado no início da cadeia de

produção, é a certificação de manejo florestal, na qual a floresta passa por uma avaliação para obter o certificado.

Em seguida, para garantir que o consumidor possa comprar produtos que possuam essa madeira certificada, evitando que haja mistura com outros materiais não certificados, há um segundo tipo de certificação para a indústria, chamada de certificação de cadeia de custódia (ou CoC, do inglês chain of custody). A certificação CoC é, portanto, aplicável às serrarias, às indústrias florestais, aos depósitos e às revendas, entre outros (Figura 2)⁹.

Figura 2 . Os tipos de certificação FSC existentes e as implicações para a comercialização dos produtos oriundos de florestas certificadas.



⁹As regras de cadeia de custódia para a produção e a comercialização de produtos com o selo FSC podem ser vistas, em detalhes, no manual "Produto certificado FSC: Conheça as normas para produzir e comercializar", disponível em formato pdf gratuitamente na página eletrônica do Imaflores (www.imaflora.org).

O FSC tem o papel de reconhecer as certificadoras, que, por sua vez, desempenharão o papel de certificar as florestas, ou as indústrias interessadas. Dessa forma, se você tem interesse em certificar sua floresta, serraria ou indústria, contate diretamente uma das certificadoras credenciadas. Mais informações podem ser vistas no endereço eletrônico do FSC Brasil (br.fsc.org).

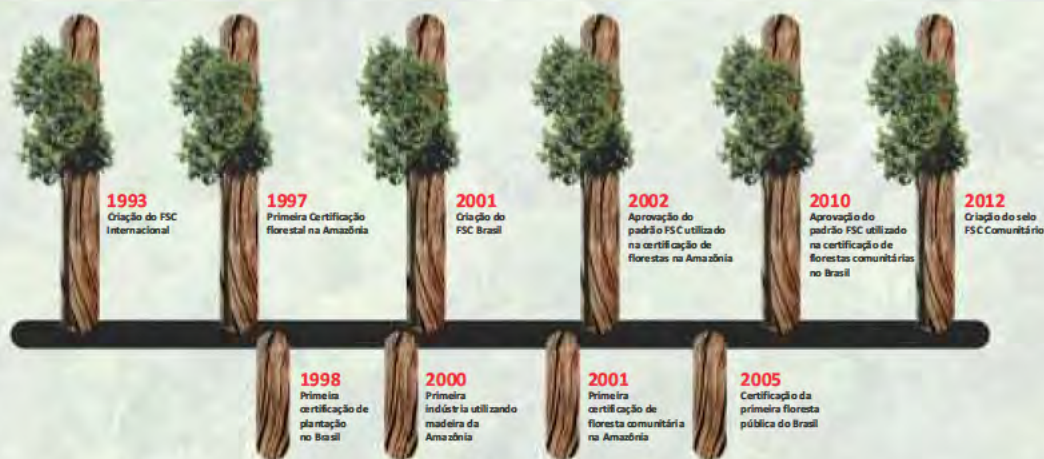
A história da certificação florestal no mundo e no Brasil

A certificação florestal nasceu da preocupação de diferentes setores da sociedade com o desmatamento e com a degradação de florestas tropicais, em meados da década de 1980. Esses movimentos fizeram pressão sobre os compradores dos países desenvolvidos para banir a entrada de produtos florestais de origem suspeita, incluindo boicotes ao uso

da madeira tropical. A partir da Rio 92, o movimento adquiriu consistência e coesão suficientes para discutir as perspectivas de criação de um mecanismo capaz de assegurar a origem dos produtos florestais. Os brasileiros tiveram um papel de destaque na formação dos primeiros grupos de trabalho, que suscitaram o aparecimento do FSC, em 1993. O FSC Brasil, ou Conselho Brasileiro de Manejo Florestal, nasceria em 2001 (Figura 3).

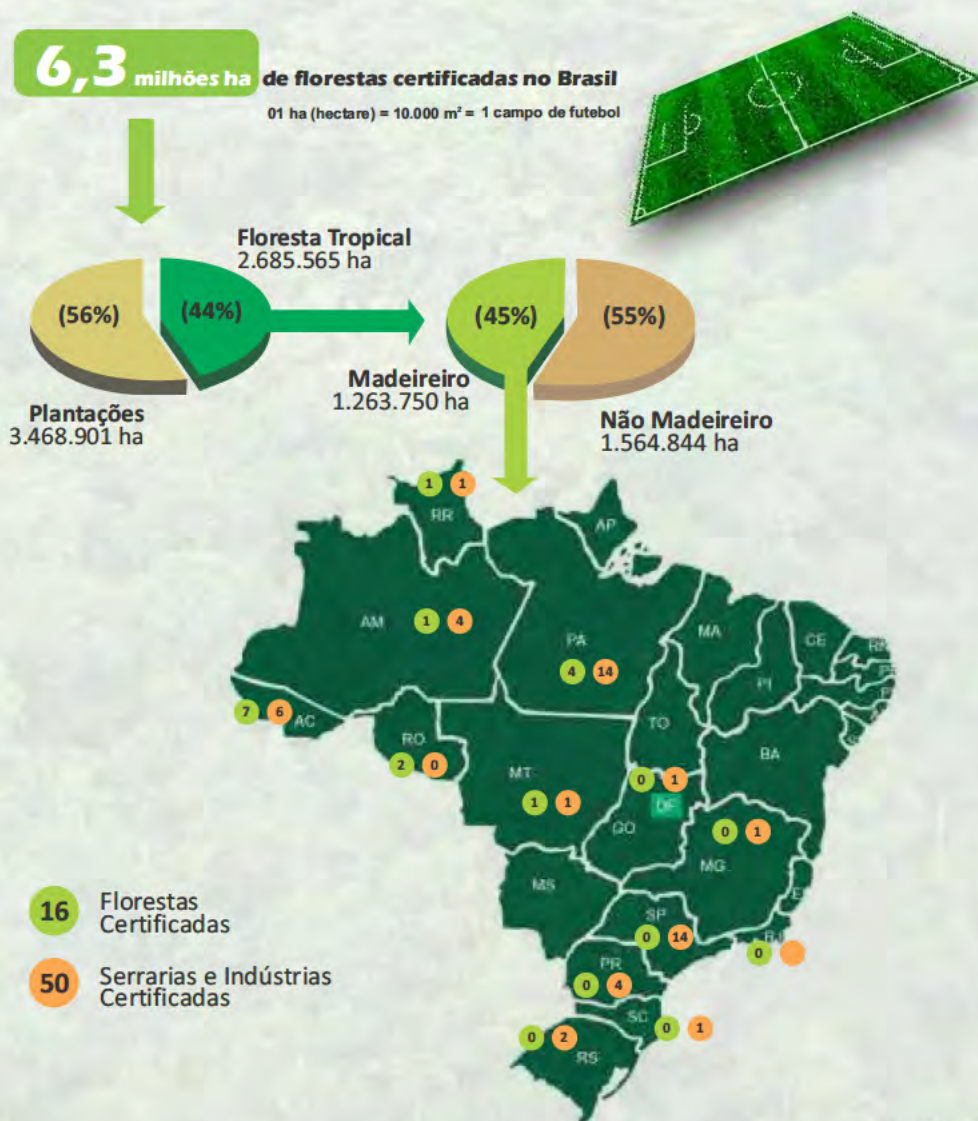
Em junho de 2012, havia, no mundo, cerca de 148,9 milhões de hectares de florestas certificadas pelo FSC, distribuídas em 80 países. O Brasil era, nesse período, o sexto país em termos da área florestal certificada, com 6,3 milhões de hectares. Desse total, 56%, o equivalente a 3,5 milhões de hectares, eram plantações florestais certificadas, localizadas majoritariamente no sul, sudeste e nordeste

Figura 3. Histórico da certificação florestal FSC no mundo e no Brasil.



do Brasil. Os outros 44% (2,8 milhões de hectares) eram florestas tropicais certificadas na Amazônia. Desse montante, apenas 1,26 milhão de hectares se refere, especificamente, a florestas certificadas para a produção de madeira, tanto por empresas como por comunidades (Figura 4).

Figura 4. Área florestal e número de indústrias certificadas no Brasil e na Amazônia em junho de 2012 (Fonte: FSC, 2012).





As perspectivas para a expansão da certificação florestal FSC na Amazônia

O setor florestal amazônico desenvolveu-se em um ambiente de baixo comando e controle, o que levou a indústria regional a expandir-se de forma desordenada, não planejada e predatória³⁰. Na raiz do problema, estão incentivos contrários à escolha de um modelo de desenvolvimento local, que geram uma grande quantidade de renda e de empregos no curto prazo³¹, mas que tendem a ser insustentáveis no longo prazo. Nos últimos 20 anos, como reflexo desse modelo, o setor florestal amazônico sofreu retração, tendo-se identificado, em 2010, uma produção madeireira de quase a metade do que já se havia testemunhado no passado³².

Entretanto vivemos, hoje, uma fase de transição. Embora existam evidências de que a ilegalidade e a informalidade do setor florestal amazônico continuem em níveis tão alarmantes quanto no passado, há novas perspectivas para a expansão do manejo florestal diante da possibilidade de exploração de terras públicas em um sistema de concessões. No passado, essas possibilidades não existiam, pois o manejo florestal tinha, nas áreas privadas, a única fonte de suprimento de madeira legal, e tais fontes eram escassas, devido à caótica situação fundiária na qual se encontra a maior parte das terras da Amazônia³³. Existem hoje, segundo o Serviço Florestal Brasileiro, pelo menos 34 milhões de hectares de florestas públicas nas mãos de comunidades, que poderiam ser utilizadas para o manejo florestal de produção de madeira e de produtos não madeireiros, além de três milhões de hectares de florestas públicas que poderão ser utilizadas mediante concessões nos próximos dois anos. Já foram identificados, de fato, cerca de 22 milhões de hectares de florestal de produção de madeira e de

produtos não madeireiros, além de três milhões de hectares de florestas públicas que poderão ser utilizadas mediante concessões nos próximos dois anos. Já foram identificados, de fato, cerca de 22 milhões de hectares de florestas públicas disponíveis à exploração florestal, mediante concessões de longo prazo³⁴.

A certificação FSC pode ser um importante aliado da sociedade porque estimula e viabiliza um ambiente de transparência aprimorada do setor florestal, direcionando-o, de forma independente, às melhores práticas existentes e, portanto, à diminuição dos esforços requeridos na fiscalização e no combate às atividades ilegais.

Nunca, na história recente da Amazônia, houve a disponibilidade de áreas em tal magnitude para o uso dos recursos florestais. Entretanto existem também os riscos associados a essa oportunidade. Se bem conduzidos, o sistema de concessões florestais e a política de incentivo ao manejo florestal comunitário e familiar em terras públicas podem vir a beneficiar economias rurais da Amazônia, por meio da produção racional desses recursos. Se os mecanismos não funcionarem, por outro lado, tais áreas podem se tornar grandes supridores de matéria-prima ilegal à indústria predatória. Nesse contexto, a certificação florestal FSC pode cumprir um papel-chave. A estrutura de governança e de transparência do sistema pode auxiliar o governo e sociedade a controlar, efetivamente, o desempenho dos empreendimentos que utilizam terras públicas. Pode, na outra ponta da cadeia, estimular os consumidores a adquirir produtos sustentáveis e passar-lhes a segurança de tal aquisição.

³⁰ Fonte: LENTINI e colaboradores (2005).

³¹ Fonte: SCHNEIDER e colaboradores (2000).

³² Fonte: PEREIRA e colaboradores (2010).

³³ Fonte: BARRETO e colaboradores (2008).

³⁴ Fonte: Plano anual de outorga florestal (SFB, 2012)

CERTIFICAÇÃO FLORESTAL FSC E A MADEIRA TROPICAL

André Giacini de Freitas*

A certificação florestal FSC tem crescido em todo o mundo e, cada vez mais, é reconhecida como ferramenta para identificar produtos que venham de florestas e de plantações florestais bem manejadas. Em junho de 2012, havia 150 milhões de hectares de florestas certificadas, responsáveis por, aproximadamente, 14% da produção mundial de madeira. Muitas das florestas certificadas pelo FSC estão em áreas temperadas no hemisfério Norte. Apesar de haver certo equilíbrio na distribuição das florestas certificadas, quando consideramos o volume de produtos gerados em cada região, é necessário reconhecer que a certificação FSC não avançou tanto quanto o esperado nas florestas tropicais.

Os principais desafios para a certificação FSC em florestas tropicais relacionam-se a questões estruturais do setor, mais vinculadas à viabilidade do manejo em tais florestas, do que diretamente à certificação. Entre esses desafios, podemos citar a falta de clareza fundiária, a baixa presença do Estado e suas instituições, a falta de infraestrutura, a pressão por outros usos da terra e um alto nível de ilegalidade que, muitas vezes, torna inviável a competição, no mercado, dos produtos florestais bem manejados.

Entretanto, desenham-se boas perspectivas futuras para o manejo de florestas tropicais e a certificação FSC, devido às recentes legislações sobre a legalidade de produtos florestais nos EUA, na União Europeia e na Austrália, bem como às tendências, de longo prazo, de melhoria nas questões estruturais de países tropicais e da crescente preocupação de consumidores com a origem de produtos oriundos de florestas tropicais.

A promoção de mercados para a madeira certificada FSC da Amazônia

Desde o seu princípio, a certificação florestal foi concebida para desenvolver-se como um instrumento de mercado. Em outras palavras, a certificação partiu da premissa de que existiam mercados sensibilizados por compradores preocupados com a origem da madeira, de modo a se disporem a dar preferência aos produtos certificados. Tal preferência poderia ser traduzida de duas formas: ou o mercado em questão daria acesso preferencial aos produtos certificados, ou pagaria um preço ligeiramente maior por tais produtos. Entretanto, desde o princípio, também foi discutido, por especialistas no tema, que o sobrepreço pago pelos produtos certificados deveria ser encarado como uma distorção do mercado e que essa não era a tendência no longo prazo. O mercado para a madeira certificada da Amazônia desenvolveu-se, então, através de uma forte demanda por esses produtos no nível internacional, tendência que se arrasta até os dias atuais.

Apesar desse fato, existem, hoje, perspectivas para o aumento do mercado brasileiro para os produtos madeireiros da Amazônia. Desde a última década, alguns esforços têm sido feitos para estimular o consumo dos produtos certificados no país. Além disso, alguns estudos têm sido feitos para entender as motivações e as percepções dos atores ligados ao setor florestal sobre as perspectivas de consumo desses produtos. Em 1999, um estudo pioneiro (Acertando o Alvo) demonstrou que a maior parte da madeira produzida na Amazônia era consumida no mercado nacional, com uma pequena participação das exportações (14% do volume total). Em 2000, esses resultados inspiraram a criação do Grupo de Compradores de Produtos Florestais Certificados, de modo a incentivar

* Engenheiro Florestal, diretor executivo do Forest Stewardship Council (FSC). Foi gerente de Sustentabilidade do banco Rabobank no Brasil e ex Secretário Executivo do Imafloira.

o consumo certificado junto a indústrias, governos e sindicatos moveleiros, visando tanto o mercado nacional como o internacional. Em 2002, foi editado o segundo estudo relativo ao mercado de madeira amazônica (Acertando o Alvo 2), desta vez focado no estado de São Paulo,

reconhecidamente o principal consumidor de madeira oriunda da Amazônia. O estudo demonstrou que o estado consumia algo em torno de 20% da produção madeireira da Amazônia, havendo ainda uma demanda potencial de 20% desse montante para o uso de madeira certificada (Figura 5).

Figura 5. Marcos de promoção da certificação florestal e estudos sobre o tema na Amazônia.



Métodos do estudo

Em 2011, a equipe do IMAFLORA conduziu esse estudo¹⁵, porque ainda havia perguntas importantes a responder. Primeiro, o escasso conhecimento sobre a interação entre a oferta e a demanda de produtos madeireiros certificados da Amazônia, uma lacuna crítica, considerando-se as perspectivas para a expansão do mercado certificado. Segundo, tomando, como base, os resultados do estudo Acertando o Alvo 2, a necessidade de avaliar as possibilidades da demanda futura em mercados nacionais relevantes, como São Paulo. Tal estudo tem ainda quatro objetivos específicos:

- 1 - Descrever as relações de mercado já existentes entre os produtores certificados e os compradores de tais produtos;
- 2 - Desvendar as principais oportunidades de mercado ou setores que podem consumir madeira certificada FSC em um futuro próximo;
- 3 - Identificar as demandas por madeira certificada com o selo FSC Comunitário, ou seja, madeira certificada proveniente de comunidades;
- 4 - Recomendação para expandir a certificação.

¹⁵ Este estudo foi elaborado a partir de apoio fornecido pelo ICCO (Interchurch Organisation for Development Cooperation) através do programa A Alternativa Amazônica (TAA) no Brasil. O programa TAA foi desenhado para o fomento a ações que auxiliem empreendimentos florestais no caminho da certificação em três países da bacia Amazônica - Brasil, Peru e Bolívia.



O estudo foi realizado em cinco fases principais. Em cada uma delas, procedemos com uma amostra dos empreendimentos, utilizando questionários estruturados para levantar os dados. Os questionários visavam, primeiramente, ao levantamento de informações quantitativas a respeito de cada empreendimento, como volumes de produção, produtos gerados, mercados e dados de preços. Em seguida, os questionários abordavam os aspectos qualitativos, que buscavam explorar a percepção dos entrevistados a respeito das vantagens e das desvantagens da certificação, os entraves existentes à expansão desse mecanismo, e suas sugestões para a expansão da certificação na Amazônia. **O estudo toma, como base, o mês de outubro de 2011.**



As Fases do Estudo

FASE 1. Florestas Certificadas.

Entramos em contato com todos os produtores florestais — as empresas e as comunidades — que possuíam florestas certificadas pelo FSC (certificados de manejo florestal);

FASE 2. Serrarias e Indústrias Certificadas.

Contatamos todas as empresas que possuíam um certificado FSC de sua serraria ou indústria (certificados de cadeia de custódia) e que consumiam madeira certificada da Amazônia. Foram divididas em duas categorias:

Serrarias certificadas: Empresas com certificação de cadeia de custódia que consomem diretamente a madeira em tora proveniente das florestas certificadas;

Indústrias certificadas: Empresas com certificação de cadeia de custódia que compram

madeira já processada (serrados, laminados, etc.) tanto das serrarias como de outras indústrias certificadas;

FASE 3. Potenciais florestas certificadas.

Entramos em contato com todos os produtores de madeira na Amazônia que possuíam potencial para certificar suas florestas no curto prazo (2-3 anos). Para isso, consideraram-se:

Empresas que obtiveram uma concessão florestal (federal ou estadual);

Empresas que iniciaram o processo de certificação com algum certificador;

Empresas com o sistema VLO²⁶ — verificação de requisitos legais da exploração;

²⁶ O VLO, sigla de verificação de origem legal (do inglês, Verification of legal origin) é um sistema, desenhado pelo programa Smartwood, para a verificação de requisitos legais na exploração, de forma a aproximá-los da certificação em um escopo não superior a três anos. Não deve ser confundido com um tipo de certificação, principalmente porque os empreendimentos detentores de VLO não podem utilizar nenhum selo de identificação em seus produtos.



Empresas que aderiram ao programa TAA¹⁷, comprometendo-se a certificar (ou ampliar suas áreas certificadas) em, no máximo, três anos;

FASE 4. Potenciais consumidores de madeira certificada. Compreendem:

(a) Serrarias e indústrias certificadas que consomem madeira amazônica certificada e não certificada. Utilizamos, nesta fase, os mesmos empreendimentos da Fase 2, com o intuito de identificar o potencial de aumento do consumo de madeira certificada (substituição da madeira não certificada pela certificada);

(b) Serrarias e indústrias que já foram certificadas e que consomem madeira amazônica. Utilizamos uma lista, disponibilizada pelo FSC Brasil, contendo a relação de todas as empresas que já foram certificadas em cadeia de custódia no Brasil e que não o são atualmente — por que

deixaram a certificação ou por que tiveram sua certificação suspensa. A lista leva, em consideração, todas as serrarias e as indústrias certificadas desde a fundação do FSC (1993) até a data de início do estudo. Dessa lista, selecionamos apenas as empresas que consumiam alguma quantidade de madeira amazônica. Em seguida, aplicamos um novo filtro para identificar as empresas que foram fechadas até outubro de 2011. Das que permaneciam abertas, um filtro final foi aplicado, na busca por identificar as empresas que transferiram seu certificado, ou que mudaram de nome ou de razão social;

FASE 5. Oportunidades de consumo de madeira certificada. Utilizamos os dados já conhecidos, a partir do estudo Acertando o Alvo 2, além dos próprios resultados preliminares, obtidos neste estudo, para eleger o setor de construção civil no estado de São Paulo como um potencial mercado nacional para a promoção da madeira

¹⁷ A adesão ao programa implica a adesão a um termo de compromisso segundo o qual os empreendimentos se comprometem a caminhar para a certificação em um prazo pré-estabelecido.




certificada. Para identificar o público-alvo do setor, foram entrevistados os representantes da construção civil em São Paulo (Sinduscon, Greenbuilding, Sindimasp e CADMADEIRA¹⁸) para identificar empresas com potencial de consumo de madeira certificada da Amazônia. Em seguida, fizemos uma amostragem e entrevistamos as empresas que assumiram o compromisso com a legalidade e a sustentabilidade no fornecimento de matéria-prima, como as empresas com o selo Madeira Legal e os empreendimentos que fazem parte do GFTN/WWF (Global Forest and Trade Network).

Tabela 2. Amostra atingida dentre os empreendimentos existentes em cada etapa do estudo, tendo, como base, outubro de 2011.

Etapa do Estudo	Total de Empreendimentos	Amostra Entrevistada	Amostragem %
Fase 1: Florestas Certificadas	16	14	87,5%
Fase 2 e Fase 4a: Serrarias e Indústrias Certificadas	50	41	82%
Fase 3: Florestas Certificadas Potenciais	11	9	81,8%
Fase 4b: Serrarias e Indústrias que já foram certificadas e que consomem madeira amazônica	14	7	50%
Fase 5: Empresas com selo Madeira Legal no CADMADEIRA e da rede GFTN/WWF	43	25	58%

¹⁸O CADMADEIRA é um projeto da Secretaria Estadual de Meio Ambiente de São Paulo, que cadastra “pessoas jurídicas que comercializam, no Estado de São Paulo, produtos e subprodutos de origem nativa da flora brasileira”. O cadastro implica uma verificação da legalidade dos documentos de origem da matéria-prima e da ausência de autuações ambientais do empreendimento (ver <http://www.ambiente.sp.gov.br/madeiralegal/cadmadeira.php>).



CAPÍTULO 2
A produção atual e
potencial de madeira
certificada FSC na Amazônia

Neste capítulo, apresentaremos os resultados do estudo junto às florestas certificadas e com potencial de certificar-se na Amazônia. Em 2011, havia 16 empreendimentos florestais envolvidos na produção de madeira em tora certificada na Amazônia. Identificamos três diferentes estratos, no que se refere às florestas certificadas, de acordo com o seu tamanho e sua capacidade de produção: empresas de grande porte, empresas médias e pequenas, e empreendimentos comunitários (Tabela 3).

Tabela 3. Caracterização dos produtores de madeira certificada na Amazônia Brasileira em 2011 (Fonte: dados deste estudo).

Estrato	Tipo de Empreendimento	Número de Empreendimentos	Produção Média em tora em 2011 (m ³)	Desvio Padrão da Produção em 2011 (m ³)	Produção Total em 2011 (m ³)
1	Florestas certificadas de Grande Porte	4	122.122,00	47.030,38	488.488,00
2	Florestas certificadas médias e pequenas	8	12.406,17	8.619,61	99.249,33
3	Florestas certificadas comunitárias	4	2.107,25	2.059,51	8.429,00
Total	—	16	40.811,00	58.374,54	596.166,33

Vemos, através desses dados, que, em 2011, os produtores de madeira certificada geraram 596 mil metros cúbicos de madeira em tora, que representam apenas 4,2% da produção anual estimada de madeira da Amazônia²⁹ (14,1 milhões de m³). Outro fato importante é que as quatro maiores empresas florestais da Amazônia, ou seja, 25% do total de empresas, produziram 82% da madeira em tora certificada da Amazônia. Além disso, desse volume total de madeira em tora, a grande maioria (86%) foi gerada nos estados do Pará e do Amazonas.

A desclassificação da madeira em tora foi um fenômeno comum do mercado amazônico certificado. Chamamos de desclassificação o ato de vender a madeira em tora, diretamente, a partir de um pátio de

estocagem na floresta, ou após sua entrada na serraria ou na indústria, sem documentos que comprovem que a madeira é certificada. Em outras palavras, é madeira certificada vendida como não certificada. Por que uma dada empresa adotaria tal estratégia? De fato, existem diferentes razões de mercado para uma empresa fazer a desclassificação. Pode ser uma estratégia comercial no caso de venda a serrarias e a indústrias indispostas a pagar qualquer preço adicional pela certificação. Outras empresas, entretanto, adotam como estratégia comercial não desclassificarem a madeira nestes casos, não havendo, portanto, um comportamento predominante de mercado em relação à questão. **Em 2011, 28% da produção de madeira certificada em tora da Amazônia foi vendida como não certificada, o equivalente a 169 mil metros cúbicos.**

²⁹ Baseado em estimativas produzidas pelo IMAZON em 2009-10 (Pereira e colaboradores, 2010).



Dessa forma, embora a produção certificada pudesse ter contribuído, em 2011, para atender a 4,2% da demanda por madeira em tora para fins industriais na Amazônia, a desclassificação acabou por deixar apenas 427 mil metros cúbicos certificados disponíveis para o restante da cadeia, satisfazendo, efetivamente, a 3% dessa demanda regional. Vale a pena notar a especial importância da produção certificada em alguns estados, destacando o Amazonas (39% da produção total) e o Acre (11%) (Tabela 4).

Tabela 4. Produção de madeira em tora certificada FSC por estado, em 2011, produção certificada desclassificada e participação provável da madeira certificada no setor florestal dos estados da Amazônia, 2009-2011 (Fonte: dados deste estudo e PEREIRA e colaboradores, 2010).

Estado	Produção em tora certificada total (2011) (m ³)	Produção em tora desclassificada em 2011 (m ³)	Produção total por estado em 2009 (mil m ³) ¹	Participação da madeira certificada por estado (%) ²⁰
Acre	51.301,00	6.000,00	422,00	10,8%
Amapá			94,00	
Amazonas	148.000,00	4.298,16	367,00	39,2%
Maranhão			254,00	
Mato Grosso	12.406,17		4.004,00	0,3%
Pará	365.488,00	158.987,20	6.599,00	3,1%
Rondônia	12.406,17		2.220,00	0,6%
Roraima	6.335,00		188,00	3,4%
Total	596.166,33	169.285,36	14.148,00	3,0%

²⁰ Baseado em estimativas produzidas pelo IMAZON em 2009-10 (PEREIRA e colaboradores, 2010).

Uma vez extraída, a madeira em tora certificada seguiu para o processamento nas serrarias. Existiam, em 2011, 18 serrarias certificadas na Amazônia comprando madeira em tora certificada. Entretanto essa matéria-prima não se distribuiu uniformemente entre as empresas. Nove serrarias, das próprias empresas com florestas certificadas, consumiram 96% da madeira em tora gerada (~ 409 mil m³). A produção remanescente (cerca de 18 mil m³) foi vendida a nove outras empresas (Figura 6 e Tabela 5). De fato, conforme veremos no próximo capítulo, estas últimas serrarias adquiriram, em 2011, um volume relativamente alto de madeira em tora não certificada, em suas matrizes de produção, talvez devido à falta de madeira certificada disponível. Cerca de metade do volume de madeira em tora certificada produzida e do número de serrarias encontravam-se no estado do Pará.

Figura 6. Resumo dos resultados da produção de madeira certificada FSC na Amazônia, em 2011.

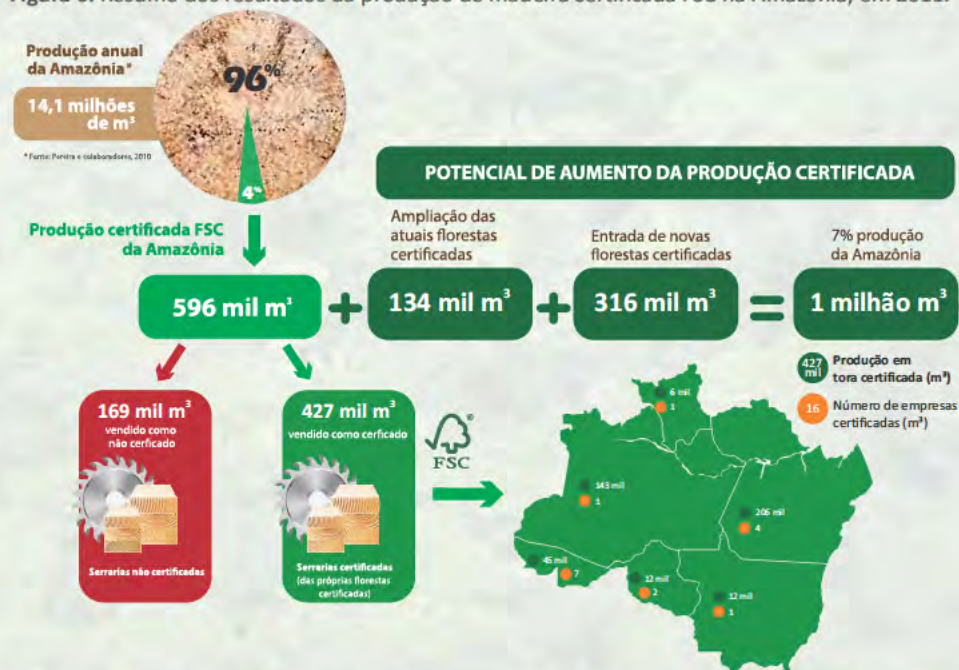


Tabela 5. Consumo de madeira em tora certificada pelas serrarias certificadas por estado, 2011 (Fonte: dados deste estudo).

Estado	Número de serrarias	Consumo de madeira certificada em tora (2011) (m ³)	Participação no total de madeira em tora certificada produzido	Consumo médio de madeira em tora por empresa (2011) (m ³)
Acre	3	45.531,00	10,7%	15.177,00
Amazonas	2	143.701,84	33,7%	71.850,92
Mato Grosso	1	12.406,17	2,9%	12.406,17
Pará	9	206.365,40	48,3%	22.929,49
Rondônia	1	12.406,17	2,9%	12.406,17
Roraima	1	6.335,00	1,5%	6.335,00
São Paulo	1	135,40	0,0%	135,40
Total	18	426.880,97	100%	23.715,61

O potencial de aumento da produção de madeira certificada FSC na Amazônia

Existem duas fontes potenciais para o aumento, no curto prazo (2 ou 3 anos), da área e da produção certificada na Amazônia. Primeiro, as florestas certificadas que pretendem aumentar suas áreas. Segundo, os empreendimentos florestais não certificados da Amazônia que desejam certificar suas florestas. No primeiro caso, foram reportadas, pelos entrevistados de florestas certificadas, suas intenções de aumentar a produção em até 23% nos próximos dois anos. Em outras palavras, a produção total, que era em 2011 igual a 596 mil metros cúbicos, poderia chegar a aproximadamente 730 mil m³. No segundo caso²¹, a amostra de 80% das potenciais

florestas certificadas, levantada neste estudo²², detém 453 mil hectares de florestas, tendo a grande maioria (77%) da área a previsão de ser certificada em curto prazo. Se as previsões se concretizarem, a área total a certificar representaria um aumento de 36% em relação à atual área certificada na Amazônia. Dessa área total, cerca de 77% (~ 348 mil hectares) é prevista como área de efetivo manejo florestal. Considerando as 10 florestas potenciais para a certificação na Amazônia, a área poderia, hoje, produzir aproximadamente 316 mil m³ de madeira em tora²³ (Figura 6). A maior parte dessa madeira seria disponibilizada aos mercados locais do Pará (54%), seguidos pelo Acre (17%) e pelo Amazonas (14%) (Figura 8).

Figura 7. Resumo dos resultados da produção de madeira certificada na Amazônia em 2011, além do potencial para a expansão da produção no curto prazo (2 ou 3 anos) (Fonte: dados deste estudo e PEREIRA e colaboradores, 2010).



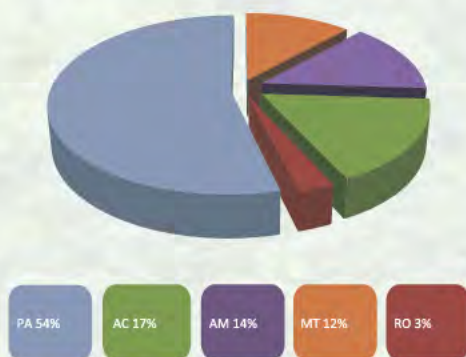
* Fonte: Pereira e colaboradores, 2010

²¹ Ver seção "Métodos do estudo", no capítulo anterior, para uma explicação mais detalhada sobre os tipos de empresas amostradas no estudo.

²² A amostra total de empreendimentos florestais potenciais deste estudo foi de 90%, mas, para fins de produção e área passível de certificação, apenas 80% do universo amostral pôde ser utilizado.

²³ Baseado em modelo de regressão linear ajustado, a partir dos dados de área e de produção das atuais florestas certificadas (ver Anexos).

Figura 8. Destinos atuais da madeira em tora gerada pelas potenciais florestas certificadas na Amazônia (n=9) (Fonte: dados deste estudo).



Percepção dos entrevistados de florestas certificadas potenciais sobre a demanda de seus compradores em relação às diferentes espécies. Noventa por cento dos produtores potenciais acredita que a demanda de seus compradores varia de acordo com a espécie que se comercializa. Como era de se esperar, espécies de alto valor, como o Ipê (*Tabebuia* sp.), a maçaranduba (*Manilkara* sp.), o cumaru (*Dipteryx* sp.) e o jatobá (*Hymenaea* sp.), estão entre as espécies mais procuradas, na opinião dos entrevistados.

As vantagens e as desvantagens da certificação das florestas

A primeira pergunta que permanece, quando pensamos em uma empresa que optou por certificar suas florestas, é quais as motivações que a levaram a isso. No caso das atuais florestas certificadas, 40% dos entrevistados disseram que se referiam à necessidade, do próprio empreendimento, de diminuir os impactos socioambientais da exploração que executa, incluso aí o maior controle socioambiental da própria produção. Em igual proporção, os entrevistados disseram que receberam apoio, de governos regionais, de fundações

ou de agências de cooperação, para atingir a certificação. A abertura de mercados à certificação, atrelada à melhoria de imagem das empresas portadoras do selo, foram aspectos também citados por 30% dos entrevistados (Figura 9).

Figura 9. Razões para optar pela certificação nas florestas certificadas amazônicas, 2011 (n=10) (Fonte: dados deste estudo).

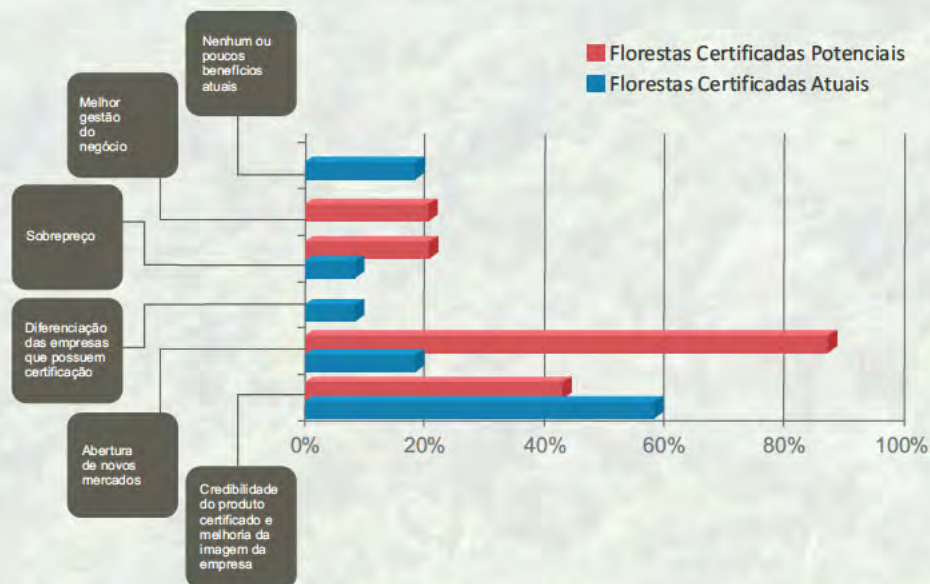


As vantagens e os benefícios esperados da certificação

Quanto às vantagens percebidas na certificação, a maioria dos entrevistados nas florestas certificadas (60%) disse que seus produtos contam com maior credibilidade no mercado. O sobrepreço pago pelos produtos certificados, que tem sido comumente apontado como uma das vantagens da certificação, foi citado por apenas 10% dos entrevistados. De forma semelhante, quase 90% dos entrevistados em florestas potenciais veem a abertura de mercados como o principal benefício da certificação. De fato, 70% dos mesmos revelaram já sentir alguma demanda de seus compradores atuais por produtos certificados. Além disso, apenas um pouco mais de 1/3 dos entrevistados disse que o sobrepreço é um benefício almejado.

A melhoria da imagem da empresa (44% dos entrevistados) e uma melhor gestão do negócio (22% dos entrevistados) também foram citados (Figura 10).

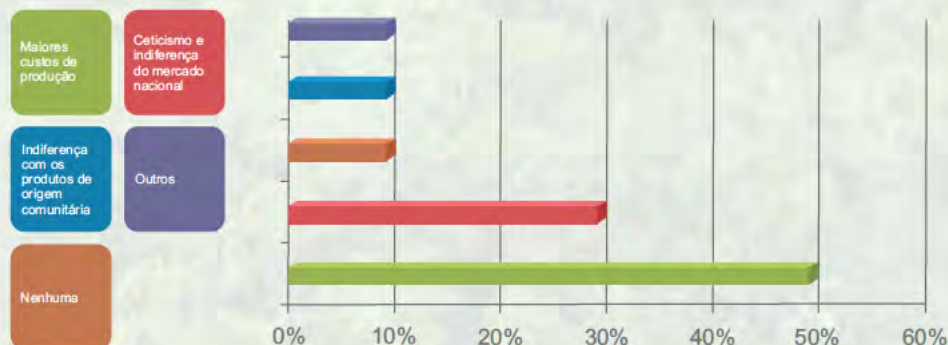
Figura 10. As vantagens da certificação florestal segundo as florestas certificadas atuais e potenciais da Amazônia, 2011 (n=10 e n=9, respectivamente) (Fonte: dados deste estudo).




As desvantagens da certificação

Metade das florestas certificadas acrescentou que a certificação tem, como principal desvantagem, maiores custos de produção. Em seguida, 30% revelaram, como desvantagem, a indiferença que o mercado nacional, que compunha importante parcela do mercado para os produtos certificados em 2011, apresenta em relação a tais produtos. Apenas 10% dos entrevistados revelou não sentir nenhuma desvantagem de ser certificado (Figura 11).

Figura 11. As desvantagens da certificação florestal segundo as florestas certificadas na Amazônia, 2011 (n=10) (Fonte: dados deste estudo).







CAPÍTULO 3
O mercado atual
e potencial da madeira
certificada FSC da Amazônia

Apresentamos, neste capítulo, a situação do mercado da madeira certificada amazônica em 2011. Primeiramente, focalizamos o mercado atual dos produtos comercializados pelas serrarias e pelas indústrias certificadas e, em seguida, as principais perspectivas para o aumento da demanda por produtos certificados da Amazônia.

Em 2011, existiam 50 serrarias e indústrias certificadas consumindo madeira amazônica. Destas, conforme já mencionamos, nove empresas constituíam as serrarias das próprias florestas certificadas, além de outras nove que consumiam madeira em tora. As demais, 32 empresas, consumiram madeira já processada, oriunda dessas serrarias (ver Tabela 6). Existiam também, em 2011, pequenos fluxos de compra e venda de materiais certificados entre as serrarias e as indústrias certificadas (Figura 12).

Tabela 6. Número de empresas, consumo de madeira certificada em tora e consumo de madeira processada das serrarias e indústrias certificadas em 2011 (Fonte: dados deste estudo).

O elo da cadeia consumidora	Número de empresas	Consumo de madeira em tora certificada 2011 (m ³)	% consumo total certificado em 2011 (m ³)	Consumo de madeira processada certificadas em 2011 (m ³)
Serrarias das próprias florestas certificadas	9	408.749,43	95,8%	0,00
outras serrarias certificadas	9	18.131,55	4,2%	9.278,00
Indústrias certificadas	32	0,00	0,0%	2.297,79
Total	50	426.880,97		11.575,79

Figura 12. Resumo do mercado atual e potencial de produtos madeireiros certificados da Amazônia (Fonte: dados deste estudo).

FLUXO DA MADEIRA CERTIFICADA FSC



OPORTUNIDADES DE MERCADO

Consumo de madeira não certificada pelas 50 Serrarias e Indústrias já certificadas = 130 mil m³ em tora e 103 mil m³ produtos processados

Consumo de produtos não certificados pelas 14 Indústrias que já foram certificadas = 3 mil m³ produtos processados

Consumo de produtos não certificados pelos 55 depósitos de construção civil de São Paulo = 3,8 mil m³ produtos processados

Oportunidades de mercado para madeira certificada:
 = - 110 mil m³ madeira processada - 130 mil m³ de madeira em tora

O mercado da madeira amazônica certificada FSC

Estimamos que as serrarias e as indústrias certificadas produziram, em 2011, 107,7 mil metros cúbicos de produtos comercializados. A grande maioria (77%, que corresponde a 82,6 mil m³) dessa madeira foi comercializada na forma de produtos serrados, produzidos para o mercado de construção civil, ou para o reprocessamento em outras regiões de destino. Do total produzido, 68% (quase 73 mil m³) se destinavam à exportação. Este é um dado interessante, devido às tendências gerais de consumo dos produtos madeireiros amazônicos, que, de maneira geral, têm sido mais direcionados ao mercado doméstico brasileiro nos últimos anos (Figuras 12 e 13), considerando-se, em especial, as condições adversas para a exportação de produtos brasileiros (taxas de câmbio desfavoráveis para a conversão ao dólar e ao euro, por exemplo). Outros destinos importantes da produção certificada em 2011 foram o estado de São Paulo (14% do total) e o Nordeste brasileiro (9%) (Figura 13).

Figura 13. Comparação entre o mercado dos produtos madeireiros amazônicos (2009) e o mercado dos produtos certificados em 2011.

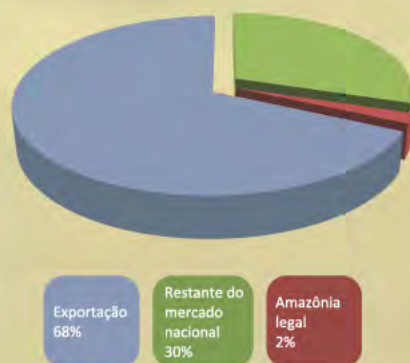
Mercado dos produtos madeireiros amazônicos em 2009

(Fonte: PEREIRA e colaboradores, 2010).



Mercado dos produtos madeireiros certificados da Amazônia em 2011

(Fonte: dados deste estudo).

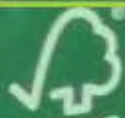


Ao investigarmos melhor os dados de mercado para os dois principais destinos, a exportação e o estado de São Paulo, constatamos que, no primeiro caso, mais de 80% da madeira certificada exportada seguiu aos mercados estrangeiros apenas como madeira serrada. No caso de São Paulo, 56% da produção chegou aos mercados como compensados, enquanto 38%, como madeira serrada (Figura 14).

Participação dos produtos certificados na produção de madeira da Amazônia

Infelizmente, não existem dados sobre o mercado da madeira amazônica em 2011, de forma que utilizamos os dados providos pelo IMAZON, em 2010²⁴ para realizar a comparação. Com essa ressalva, pudemos aferir que os produtos certificados compuseram menos de 2% do total de produtos madeireiros amazônicos enviados aos mercados finais em 2011. Em São Paulo, a participação provavelmente ficou em pouco mais de 1%. Como era de se esperar, a participação dos produtos certificados provavelmente seja pouco maior nos mercados de exportação, compondo 6,5% do total de madeira exportado pela Amazônia (Tabela 7).

²⁴ PEREIRA e colaboradores, 2010.



FSC
www.fsc.org

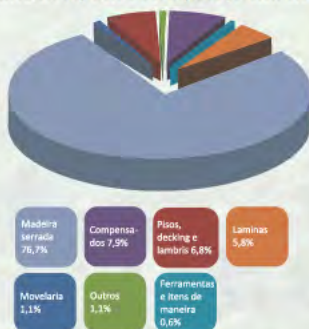
100%

Wood from well-
managed forests

FSC® C111055

Figura 14. Mercado dos produtos madeireiros certificados amazônicos em 2011.

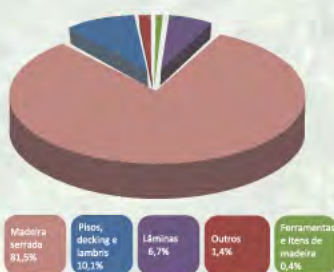
Principais produtos madeireiros amazônicos certificados, em 2011 (107,7 mil m³)



Destinos da produção madeireira amazônica certificada, em 2011 (107,7 mil m³)



Principais produtos certificados amazônicos exportados em 2011 (72,9 mil m³)



Principais produtos certificados amazônicos comercializados no estado de São Paulo em 2011 (15,1 mil m³)



Tabela 7. Participação provável dos produtos finais certificados na produção madeireira da Amazônia, 2009-2011.

Estado ²	Produção de madeira total da Amazônia (2009) (m ³) ²⁵	Produção de madeira certificada da Amazônia (2011) (m ³) ²⁶	Participação da madeira certificada na produção total	Participação da madeira certificada na produção exportada	Participação da madeira certificada na produção para São Paulo
Acre	193.000,00	14.759,85	7,6%	8,7%	20,3%
Amazonas	144.000,00	32.392,10	22,5%	61,2%	0,0%
Pará	2.555.000,00	52.723,06	2,1%	4,0%	2,9%
Roraima	70.000,00	1.687,67	2,4%	6,8%	0,0%
Outros Estados ²⁷		6.140,54			
Amazônia	5.808.000,00	107.703,21	1,9%	6,5%	1,4%

²⁵ Fonte: PEREIRA e colaboradores, 2010.

²⁶ Fonte: dados deste estudo. Para não distorcer os dados desta Tabela, suprimiram-se os estados cujas serrarias e indústrias certificadas não foram amostradas no estudo. Dessa forma, não necessariamente a soma das produções dos estados gera um resultado idêntico à produção total da Amazônia nas duas primeiras colunas da Tabela.

²⁷ Refere-se às serrarias e às indústrias certificadas, localizadas em outros estados do Brasil (fora da Amazônia) e que comercializaram produtos certificados em 2011.

O MERCADO DE MADEIRA AMAZÔNICA CERTIFICADA

Carolina Graça*

As opções de mercado para a madeira amazônica são proporcionais à diversidade dessas florestas. Temos madeiras densas e duráveis, que servem para aplicações em obras a céu aberto. No outro extremo, temos madeiras macias e de excelente acabamento para móveis. Temos madeiras duráveis, porém pardas, que são destinadas à fabricação de dormentes. Há ainda madeiras com cheiro que, por consequência, têm restrição de uso. Portanto, não é possível falar em um ou dois mercados para as espécies tropicais. A cada espécie, cabem um uso, um mercado, uma sazonalidade e uma tecnologia de industrialização.

Apesar desse fato, os mercados internos e externos estão conectados. As espécies de alto valor na exportação são também bastante procuradas pelo mercado interno, fato que explica a escassez relativa e o alto preço de espécies como o ipê, o jatobá, o cumaru e a sucupira. Não é sem razão que são bastante procuradas. Normalmente, apresentam alta durabilidade, boa estabilidade dimensional e coloração bem aceita pelos consumidores. Em síntese, tanto o mercado interno quanto o externo buscam madeiras com as melhores propriedades físicas, mecânicas e estéticas. Entretanto a floresta oferece quantidade limitada dessas espécies, de forma que a baixa oferta e a alta demanda elevam seus preços.

Existem soluções para esse desencontro entre a oferta e a demanda. Por meio de tecnologia, é possível contornar algumas características desfavoráveis das espécies. Algumas madeiras podem ser bem secas

para estabilizar as fibras e evitar que trabalhem com o tempo. A secagem também pode diminuir o odor de algumas espécies. Madeiras que não aceitam pregos precisam ser furadas antes da aplicação de parafusos. Aquelas que não aceitam cola precisam ter suas superfícies tratadas antes da industrialização. Ou seja, a introdução e a aceitação de novas espécies passam pelo desenvolvimento de tecnologia.

Outro fator que influencia o mercado de madeira amazônica é a substituição por materiais alternativos, como o concreto, a cerâmica, o plástico, o metal, entre outros. Os motivos para tais substituições são diversos, destacando-se o custo da matéria-prima, a incerteza quanto à origem e à sustentabilidade do produto, a irregularidade de oferta, a limitação de dimensões, a falta de estudos de desempenho para a construção civil, a carência de assistência técnica e o alto custo de manutenção. Alguns mercados estão restringindo, ao máximo, o uso das espécies amazônicas. Um exemplo é o setor de habitação popular, no qual a madeira amazônica era muito empregada na estrutura de telhados. Em muitas obras, as tesouras estão sendo substituídas por estruturas metálicas e por forros de PVC. Outro segmento que sofreu transformação foi a indústria de pisos. Os carpetes de madeira, pisos melamínicos e outros materiais que imitam madeira são hoje muito frequentes nas obras. A substituição da madeira pode ser tanto uma oportunidade para valorizar nossas espécies e garantir que elas sejam usadas para fins nobres, quanto pode ser uma ameaça à introdução de novas espécies no mercado.

O mercado de madeira amazônica, apesar de muito diverso, tem grandes desafios e oportunidades pela frente. A introdução de

* Engenheira agrônoma com mais de 10 anos de experiência na área florestal. Durante oito anos, esteve à frente da área comercial de madeira tropical FSC nos mercados interno e de exportação.

novas espécies é uma solução para a expansão da oferta. Para tanto, é necessário vir acompanhada de desenvolvimento tecnológico à altura dos materiais substitutos. Certamente, a certificação é um argumento a favor do uso da madeira, pois atesta sua origem e sustentabilidade, porém os desafios não param por aí. Há muita lição de casa pela frente para fortalecer os mercados da madeira da Amazônia.

Vantagens da certificação para as serrarias e as indústrias certificadas

A principal pergunta que resta, assim que entendemos o funcionamento do setor certificado, é por que as empresas decidiram-se pela certificação? O principal benefício da certificação florestal (quase 50% dos entrevistados) referiu-se à abertura de novos mercados. Em seguida, 35% designaram a melhoria da imagem da empresa de maneira geral (marketing indireto). Outros 16% disseram que não há nenhum benefício, mas que o empreendimento mantém a certificação por fazer parte de sua filosofia. Da mesma forma que os entrevistados nas florestas certificadas, uma minoria (11%) disse que a

certificação trouxe um sobrepreço aos produtos (Figura 15).

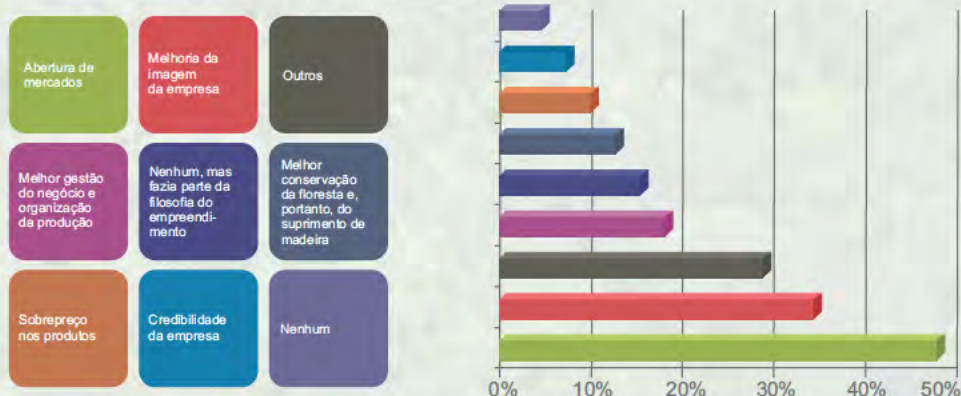
O potencial de aumento do mercado da madeira amazônica certificada

Além do aumento da área certificada, uma segunda forma de estimular a expansão do setor certificado na Amazônia consiste no estabelecimento de uma demanda mais forte pela madeira de tais florestas. Para avaliar essas questões, utilizamos três tipos de empreendimentos potenciais²⁸, que podem ser consideradas como as oportunidades de mercado existentes atualmente.

Mercado potencial 1: Atuais serrarias e indústrias certificadas FSC

São as mesmas empresas da segunda fase do estudo, ou seja, as serrarias e as indústrias certificadas. Nesta seção, entretanto, exploraremos os dados coletados no que se refere às compras não certificadas dessas empresas. A premissa, neste ponto, é que, já que raramente foram encontrados sobrepreços significativos na comercialização dos produtos certificados, a sua disponibilidade pode ser o principal entrave à substituição dos produtos não

Figura 15. Os benefícios da certificação florestal segundo as serrarias e indústrias certificadas na Amazônia, 2011 (n=37) (Fonte: dados deste estudo).



²⁸ Ver seção "Métodos do estudo", no Capítulo 1, para uma explicação mais detalhada sobre os tipos de empresas amostradas no estudo.

certificados comprados por esse grupo de empreendimentos. Em primeiro lugar, em 2011, as serrarias certificadas (18 empreendimentos) compraram 130 mil metros cúbicos de madeira em tora não certificada. Cerca de 86% desse volume (112 mil m³) foi comprado no estado do Pará, onde se concentra a maior parte das empresas. Os 14% restantes estão distribuídos no estado do Amazonas (13%) e

do Acre (1%). Além disso, em 2011, as serrarias e as indústrias certificadas compraram 146 mil metros cúbicos de produtos já processados não certificados. A maioria dessa produção (83%), equivalente a 122 mil m³, foi adquirida de empresas no Pará e no Mato Grosso. Também é importante notar que 98% dessa produção (144 mil m³) se constituía de madeira serrada e de compensados não certificados (Figuras 16 e 17).

Figura 16. Origem da madeira processada comprada pelas serrarias e indústrias certificadas, distinguindo os produtos certificados e não certificados em 2011 (Fonte: dados deste estudo).

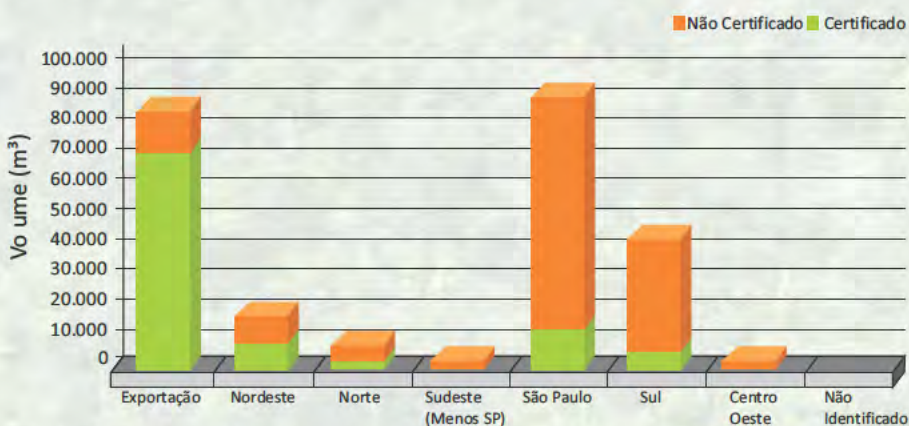
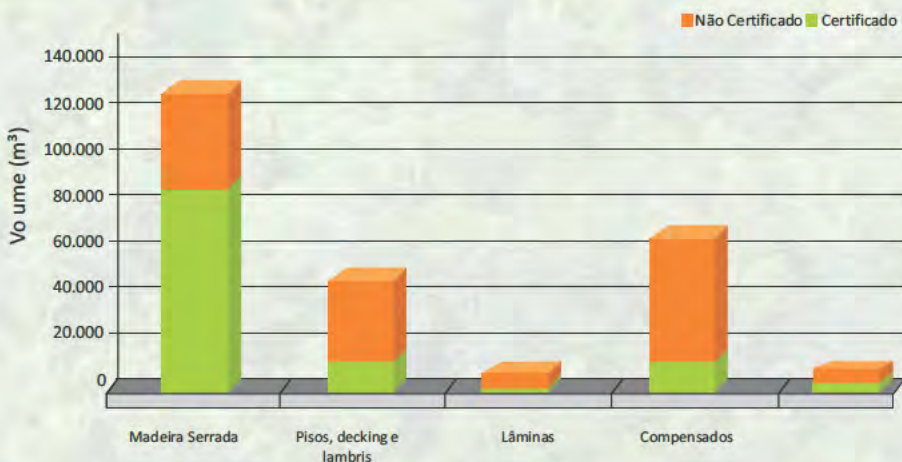
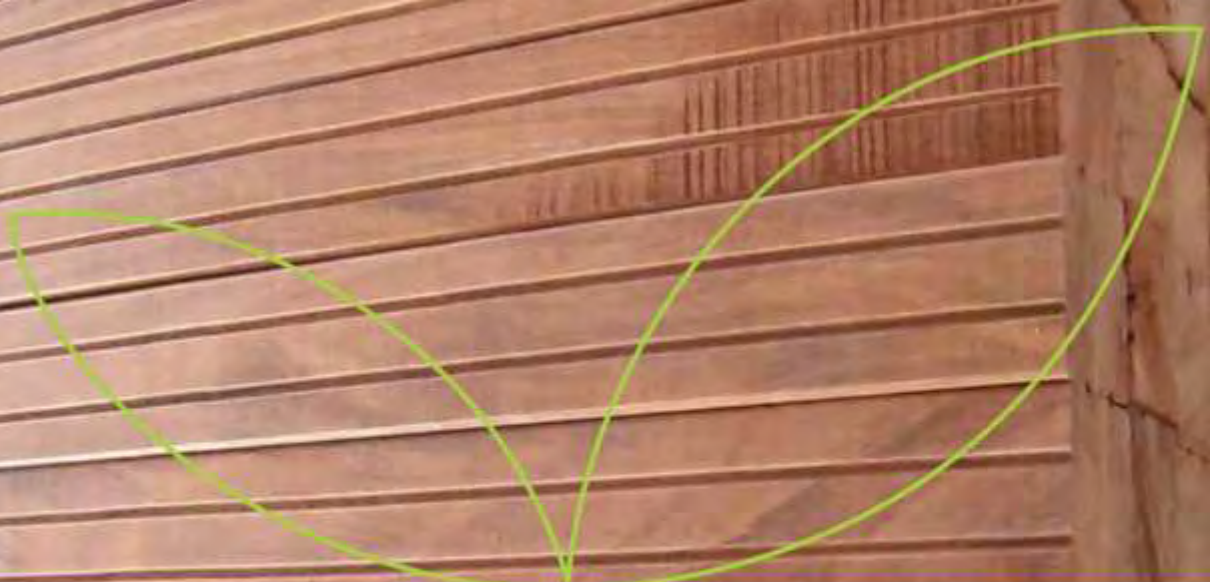


Figura 17. Tipos de produtos de madeira processada comprada pelas serrarias e indústrias certificadas, distinguindo os produtos certificados e não certificados em 2011 (Fonte: dados deste estudo).





É evidente que afirmar que um aumento na produção certificada iria prontamente causar uma substituição das fontes de compras das serrarias e indústrias certificadas é irrealista. Isto ocorre porque dependeria primeiramente desta oferta estar disponível em regiões propícias para a compra, principalmente nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso. Em seguida, porque seria necessário que a produção fosse maior de alguns produtos em específico. Finalmente, seria necessário que as serrarias e indústrias certificadas atuais tivessem efetivamente o interesse em realizar tal substituição. Quanto ao último ponto, entretanto, entre as empresas amostradas neste estudo, 71% disseram ter o interesse em comprar mais produtos certificados, contra 29% que não estavam interessados.

Mercado potencial 2: Serrarias e indústrias que já foram certificadas

Foram identificadas 14 serrarias e indústrias que já possuíam certificação de cadeia de custódia e perderam o selo (espontaneamente ou o tiveram suspenso),

mas ainda consomem madeira amazônica. Em média, as empresas mantiveram a certificação FSC por um período relativamente curto, em geral pouco mais de três anos. Cerca de metade das empresas desistiu do selo em 2009 – coincidentemente ou não, exatamente no período de reflexos da crise econômica mundial em 2008. Entre todas as empresas amostradas, 43% revelaram hoje o interesse de voltar em ser certificadas.

Por que o empreendimento optou e deixou a certificação?

Cerca de 70% dos entrevistados revelou que a principal razão para optar pela certificação florestal foi a expectativa de que o selo traria uma maior abertura de mercados, seguido por quase 30% que aferiram que esta medida traria uma melhoria da imagem pública da empresa. Entretanto, todos os entrevistados disseram que a principal razão para deixar a certificação está relacionada a falta de demanda por seus clientes – seja por não se importarem com a certificação, seja por não estarem devidamente preparados para



utilizar a rastreabilidade do produto certificado de forma a poder empregar o selo junto aos consumidores finais. Adicionalmente, quase 60% disseram que o preço final de sua produção não compensava os custos impostos pela certificação.

Consumo atual de madeira amazônica

Estimamos o potencial de compra de madeira amazônica destas empresas em 62,4 mil metros cúbicos anuais. Entretanto, os entrevistados revelaram que 4,8% desta demanda estava relacionada com clientes que demandavam a certificação florestal, o que equivale a dizer que o potencial de compras de madeira certificada exigido por tais compradores é inferior a 3 mil m³ anuais (Figura 12).

Condições necessárias para retomar a certificação

Cerca de 43% dos entrevistados voltariam a adotar a certificação caso houvesse uma clara demanda por parte de seus clientes, sendo que alguns destacaram a necessidade de sobrepreço (14% do total). Quase 30% não responderam a esta pergunta e 14% disseram que seus empreendimentos não retomarão a certificação independente das condições de mercado.

Mercado potencial 3: Indústrias que nunca foram certificadas da construção civil em São Paulo

Essa importante oportunidade de mercado foi revelada pelas entrevistas. Os entrevistados, durante as diferentes fases deste estudo, foram unânimes em afirmar que o mercado de construção civil constitui, hoje, a principal perspectiva para o aumento da demanda por madeira certificada da Amazônia, com mais de 70% das empresas com florestas certificadas, 33% das potenciais florestas certificadas e

70% das serrarias e das indústrias certificados²⁹. Além disso, o estado de São Paulo foi confirmado, neste estudo, como o principal mercado para os produtos certificados, logo após os de exportação.

Existe um grande número de empresas e de atores atuando no setor de construção civil e há grandes diferenças entre o mercado de construção vertical (dominado pelas construtoras e incorporadoras) e o de construção horizontal (no qual, os principais fornecedores são depósitos de madeira). Dessa forma, optamos por amostrar algumas das empresas mais representativas no setor em relação às suas preocupações e aos seus compromissos com a compra de madeira de boa origem. Primeiro, descreveremos os principais resultados obtidos junto a uma amostra das empresas detentoras do selo Madeira Legal no CADMADEIRA, composta por depósitos. Em seguida, apresentamos os resultados para uma amostra das empresas filiadas ao GFTN/WWF, composta por incorporadoras e construtoras.

A - Depósitos de madeira com o selo Madeira Legal

Uso de madeira amazônica. Das empresas componentes do programa, 88% utilizavam madeira amazônica, havendo, portanto, 12% que utilizavam somente madeira de plantações. Avaliamos o potencial de compra de madeira amazônica entre as empresas com o selo Madeira Legal do programa CADMADEIRA, igual a 12,2 mil m³ em 2011. Não surpreendentemente, os entrevistados reportaram, dentre as principais espécies compradas por suas empresas, madeiras utilizadas comumente na construção civil de alta entrevistados reportaram, dentre as principais espécies

²⁹Os resultados dos principais setores indicados pelos entrevistados deste estudo como oportunidades de mercado para os produtos certificados podem ser vistos nos Anexos do relatório.

compradas por suas empresas, madeiras utilizadas comumente na construção civil de alta produção nos estados da Amazônia meridional (Mato Grosso, Rondônia e Acre), como cambará, cupiúba, itaúba e peroba.

Uso de madeira amazônica certificada

Somente uma das empresas reportou algum uso de madeira amazônica certificada, de forma que consideramos, para fins práticos, o consumo certificado atual, dentro do programa, como nulo. Dentre as empresas que consomem madeira amazônica, 32% demonstraram interesse na substituição dos volumes atuais por produtos certificados. Com base nos dados coletados, estimamos um interesse de substituição das empresas com o selo Madeira Legal (produtos não certificados por certificados) igual a 3,8 mil m³ (Figura 12). Além disso, apenas 14% dos entrevistados disseram que possuem qualquer poder de influência junto aos consumidores atuais para promover o aumento do consumo de produtos certificados, e apenas 5%, que os clientes atuais apresentam alguma demanda por certificação.

Os benefícios da certificação

Dentre as empresas que disseram ter interesse em substituir as compras atuais por fontes certificadas, a imensa maioria (85%) disse que o principal benefício da certificação se encontra na melhoria da imagem da empresa. Os demais 15%, que na garantia de origem dos produtos.

B - Incorporadoras e construtoras afiliadas ao GFTN (Rede Mundial de Floresta e Comércio)

Uso de madeira amazônica e certificada.

Da amostra de empresas entrevistadas, 75% reportaram que têm utilizado madeira da Amazônia. Entretanto apenas um terço dela

(25% do total de empresas da amostra) reportou o uso de madeira amazônica certificada FSC³⁰. Outro ponto interessante foi que um pouco mais de um terço das empresas entrevistadas admitiu que a madeira amazônica ainda se tem prestado a usos temporários (estruturas de segurança e temporárias durante as obras), com baixo valor agregado.

Interesse em substituir madeira não certificada por certificada.

Cerca de 60% das empresas demonstraram interesse em substituir suas compras atuais por madeira certificada. Como razão, a maioria (60% dos casos em questão) reportou que isso ajudaria a melhorar a imagem da empresa, ou contribuiria como marketing indireto. Entretanto quase 40% das empresas destacaram as grandes dificuldades que existiam, em 2011, para encontrar fornecedores de madeira certificada. Finalmente, um ponto importante foi que, embora apenas ¼ dos entrevistados tenham dito que possuíam compradores pressionando pelo uso de madeira certificada em suas obras, quase 90% assumiram seu poder de influência para mudar o comportamento de seus fornecedores para obter mais produtos certificados.

Oportunidades para o selo FSC comunitário

O selo FSC comunitário foi criado em 2011 com a premissa de que poderia contribuir para compensar as dificuldades maiores que os empreendimentos comunitários têm para se certificar e para comercializar a produção, devido à diferenciação de seus produtos no mercado. No Brasil, a primeira comunidade foi certificada em 2002, no estado do Acre, chegando o país a ter treze


³⁰ Poucas empresas entrevistadas cederam informações sobre os volumes atualmente comprados de madeira amazônica ou certificada, de forma que optamos por omitir tais informações.



comunidades certificadas, seis para o manejo madeireiro e sete para produtos florestais não madeireiros. Contudo, apesar do potencial de crescimento, a certificação comunitária FSC no Brasil retraiu-se nos últimos anos. Os principais motivos para as reduções são as exigências técnicas não relevantes dos padrões de certificação para esse público e os poucos benefícios econômicos, decorrentes da baixa escala das atividades.

Entre as serrarias e as indústrias certificadas amostradas neste estudo, 25% compram, ou já compraram, madeira certificada FSC proveniente de manejo florestal comunitário, 44% deles no estado do Acre e 33% no do Pará. Além disso, cerca de 60% das empresas respondeu que há interesse em comprar produtos certificados de origem comunitária. Conjuntamente, as empresas consumiam, em 2011, cerca de 126 mil

metros cúbicos de madeira certificada e não certificada da Amazônia. Também surpreendentemente, $\frac{3}{4}$ das empresas que demonstraram interesse nos produtos comunitários disseram estar dispostas a pagar um sobrepreço por eles. Essas empresas são, principalmente, distribuidoras e depósitos (25%) além de movelarias (25%), localizadas nos estados do Pará (35%) e de São Paulo (29%). A principal razão para o interesse, na opinião dos entrevistados, encontra-se na própria imagem da empresa e nas possibilidades de marketing indireto advindo da medida. Entre os que responderam negativamente, as principais razões eram as condições atuais do mercado, que não justificam esse aumento nos custos de produção, além das maiores dificuldades na transação comercial com as comunidades, que, por si sós, já onerariam os sistemas de compra da empresa.



CAPÍTULO 4
Os entraves à expansão
da certificação florestal na
Amazônia e recomendações
do estudo

Neste capítulo final, apresentaremos os principais obstáculos, aferidos pelos entrevistados, à expansão do setor florestal certificado na Amazônia, além de suas principais recomendações para encaminhar tais problemas. À luz dessas colocações, em seguida, faremos um resumo dos principais resultados deste estudo para listar algumas recomendações finais.

A percepção dos entrevistados sobre os obstáculos à certificação florestal FSC na Amazônia

As exigências de mercado para as florestas certificadas

Uma das principais dificuldades para a certificação, na Amazônia, parece diretamente relacionada às exigências de mercado. Sessenta por cento dos entrevistados nas florestas certificadas disseram que o mercado atual possui duas exigências básicas: qualidade e preços. Em seguida, citaram o cumprimento de prazos na entrega, e somente 40% destacaram a origem da madeira. Além disso, todos os entrevistados foram unânimes em dizer que o prêmio pela madeira certificada consumida atualmente no mercado era nulo, ou era muito pequeno para compensar os custos da certificação.

O mercado nacional

Embora os entrevistados visualizem, na construção civil, uma perspectiva sólida de aumento da demanda por produtos certificados, 60% dos entrevistados nas florestas certificadas atuais revelaram existir grandes dificuldades na negociação de seus produtos no mercado nacional. Quando questionados sobre as razões para tal percepção, 33% dos entrevistados disseram haver dificuldades de cunho econômico, acreditando que os preços dos produtos são baixos, se comparados aos seus custos de produção, ou que há uma deslealdade na competição, considerando-se a abundância de produtos gerados ilegalmente no setor (Figura 18).

Os obstáculos para as florestas certificadas potenciais

Embora questões econômicas também tenham merecido destaque nas percepções dos entrevistados que desejam obter a certificação FSC (33% citaram que os preços praticados não compensam os custos de produção), foram também citados, como grandes obstáculos, os aspectos da ilegalidade no setor florestal e da corrupção, além do excesso de complexidade das normas de manejo existentes e da falta de incentivos públicos à madeira certificada (Figura 18).

Os principais obstáculos às serrarias e às indústrias

Cerca de 42% das serrarias e das indústrias atualmente certificadas aferiram a falta de fornecedores de materiais certificados como a principal restrição ao aumento da produção com o selo. Em seguida, citaram a falta de tradição de seus consumidores em exigir a madeira certificada e os preços dos produtos certificados, que não compensam seus maiores custos de produção. Já para empresas com o selo Madeira Legal, surpreendentemente, em mais da metade dos casos, não possuíam conhecimento suficiente sobre o tema de certificação FSC, a ponto de indicar obstáculos à sua expansão. Entretanto, entre os que se sentiram minimamente informados sobre o sistema, a resposta preponderante (quase 40% dos entrevistados) também indicou questões econômicas, como os altos custos de produção, entre os principais obstáculos (Figura 18).

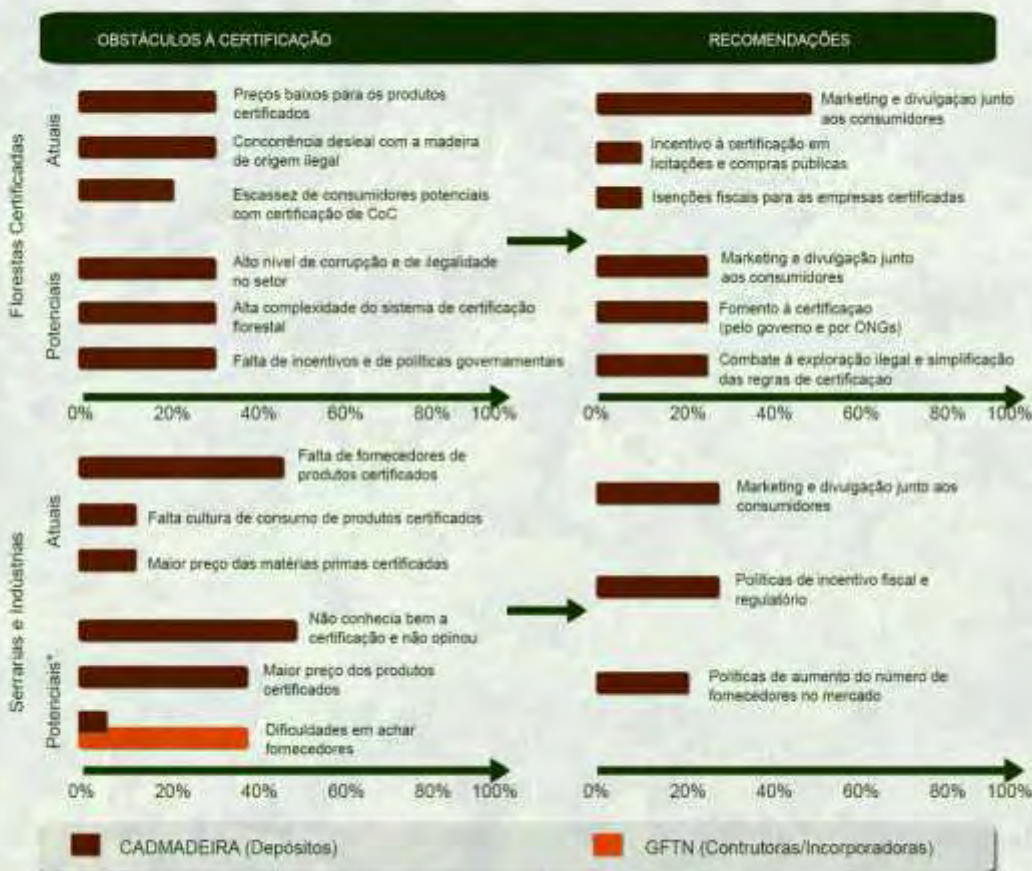
As recomendações dos entrevistados para expandir a certificação florestal na Amazônia

Uma parcela significativa dos entrevistados em todas as fases do estudo (28% das serrarias e das indústrias certificadas, 50% das empresas com florestas certificadas e 25% das florestas com potencial de certificação) citou a necessidade de campanhas de divulgação da marca FSC no mercado nacional como a principal proposta para estimular o consumo brasileiro de madeira amazônica.

Em seguida, os entrevistados de florestas certificadas priorizaram medidas públicas de combate à exploração ilegal e de incentivo aos empreendimentos certificados, como a simplificação das regras de certificação e da lei florestal, o incentivo a políticas de compras públicas e a facilitação do processo de licenciamento.

As serrarias e as indústrias também destacaram alguns desses elementos e frisaram a importância de aumentar, no mercado, a quantidade de fornecedores de madeira certificada (Figura 18).

Figura 18. Principais entraves à expansão do setor florestal certificado na Amazônia e principais recomendações providas pelos entrevistados no estudo (Fonte: dados deste estudo).





Considerações e recomendações finais do estudo

Uma ressalva importante, antes de tentarmos sintetizar alguns dos principais resultados encontrados e de tecer recomendações, é que o estudo toma, como base, o ano de 2011, representando um momento na linha de tempo de desenvolvimento da certificação florestal no Brasil. É também um período assinalado, por diversos produtores, como de especiais dificuldades para a comercialização dos produtos certificados no mercado internacional, historicamente o principal destino dessa produção. Alguns aspectos, entre os resultados do estudo, merecem destaque:

a - A produção de madeira amazônica certificada no Brasil ainda é pequena

A participação da produção certificada no setor florestal da Amazônia é muito pequena. Em 2011, o setor certificado

equivaleu a 3% da produção regional. Existem perspectivas para a entrada de florestas certificadas no setor, assim como de expansão da área de produção das atuais florestas certificadas, mas é importante destacar que existem, hoje, poucas empresas florestais certificadas (em 2011, apenas 16). Entretanto uma fortaleza da certificação que não pode ser esquecida é o fato de que as áreas certificadas podem continuar suprindo as serrarias e as indústrias locais no longo prazo, fato que não ocorre com os empreendimentos de manejo florestal convencionais, geralmente licenciados para alguns poucos anos de uso. Em um cenário no qual a produção em tora da Amazônia vem crescentemente caindo, a participação da certificação florestal deve aumentar independente de outras condições do setor;



b - Os produtores não acham compradores e vice-versa

Grande parte da madeira certificada tem seu destino controlado por poucas empresas produtoras, e muitas serrarias e indústrias interessadas em comprar materiais certificados não encontram fornecedores. Além de haver um pequeno número de empresas florestais certificadas (total de 16), um quarto destas empresas controla 80% do mercado certificado. Em suma, estas poucas empresas ditam hoje o que ocorre em termos de destino da maior parte da produção do segmento. Além disso, grande parte da madeira destas poucas empresas é exportada, o que deixa pouca madeira disponível ao mercado nacional;

c - A certificação pode implicar maiores custos

Existe, de maneira geral, uma confusão no setor entre o que são os custos diretos e os indiretos da certificação. Em muitos casos, um dado empreendimento contabiliza os

custos indiretos da certificação, como a adequação de seu empreendimento às exigências do selo, da mesma forma que um custo do processo de certificação. Independentemente desse fato, os entrevistados, em diferentes segmentos da cadeia de produção certificada, chamaram a atenção para o fato de que competem, de forma desleal, com outras empresas não certificadas em termos econômicos e que os mercados têm sido insensíveis a custos maiores de seus empreendimentos, se comparados aos de seus concorrentes;

d - Os mercados são ainda pouco sensíveis à origem da madeira

Entre os entrevistados da pesquisa, foi amplamente citada a baixa relevância que os mercados atribuem à origem da madeira, em comparação a outros quesitos, como a qualidade e os preços. A falta de conscientização dos compradores sobre a importância da madeira certificada, quanto à sustentabilidade socioambiental, constitui um fato alarmante, na opinião deles



e - A certificação, cada vez mais, insere-se na cultura empresarial

A pesquisa mostrou que vários empreendimentos, em diferentes posições da cadeia de produção de madeira amazônica, afirmaram que adotam a certificação simplesmente por questão de cultura empresarial, de forma a diferenciá-los do restante dos concorrentes, expostos aos riscos de reputação existentes no setor;

f - A construção civil nacional permanece como um importante setor de mercado para a madeira certificada

Já tem sido identificado, por estudos anteriores do projeto Acertando do Alvo, que o mercado de construção civil brasileiro, especialmente no estado de São Paulo, constitui um importante consumidor de madeira amazônica e pode tornar-se um forte agente de compra de materiais certificados, constituindo uma oportunidade relevante de mercado. Entretanto, na amostra conduzida para este

estudo, entrevistando empresas representativas de depósitos de madeira (selo Madeira Legal) e incorporadoras e construtores (GFTN) no estado de São Paulo, encontramos ainda um baixo potencial de substituição de madeira não certificada por certificada nos dias atuais;

g - Há potencial para o selo FSC comunitário.

Vários compradores de materiais amazônicos demonstraram interesse na compra de produtos certificados comunitários. Alguns compradores inclusive demonstraram interesse em pagar um sobrepreço por tais produtos.

O USO DA MADEIRA AMAZÔNICA PELO SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Lilian Sarrouf*

O uso da madeira na construção civil, ao longo dos anos, esteve fortemente relacionado a heranças culturais, quer sejam daqueles que elaboram projetos e especificam os produtos a utilizar nas obras, quer sejam daqueles que as executam. A escolha é subjetiva, baseada em “gosto ou não gosto”, ou no histórico de experiências positivas ou negativas já vivenciadas.

Na construção civil, a madeira vem sendo substituída por outros materiais, como o concreto, o aço, o alumínio e o plástico. É uma resposta do setor à racionalização e à industrialização dos processos produtivos, à redução do prazo de execução das obras, à tentativa de equacionamento de custos, às responsabilidades após a entrega da obra, relacionadas a suas garantias e, mais recentemente, aos requisitos de sustentabilidade. Quanto ao último, alguns mitos, como o de que o setor da construção é o maior consumidor de madeira e, conseqüentemente, causa um imenso dano ambiental nas florestas, ajudaram a criar um panorama negativo para o uso de madeira, principalmente em relação às espécies nativas. Entretanto, de fato, a construção pode usar um grande volume de madeira, mas a maior parte dele se concentra na fase de elaboração da estrutura da obra, quando há o uso temporário da madeira e, nesses casos, tanto para as construções verticais como horizontais, o consumo maior se refere à madeira de florestas plantadas. A madeira nativa tem seu uso relacionado a estruturas que ficam incorporadas em pisos, decks, esquadrias e revestimentos de tetos e de paredes.

Como então atender às transformações do setor e responder adequadamente aos “mitos ambientais”? O setor madeireiro acompanhou, em parte, essas transformações. Um exemplo de sucesso é o “kit porta pronta”, produto que elimina a fase de execução, agiliza a etapa de colocação e garante uma maior qualidade do produto final. Outro exemplo são as “formas prontas” utilizadas nas estruturas de concreto, que tiraram do canteiro de obras a produção artesanal. Se considerarmos a questão ambiental, este último exemplo trouxe ganhos significativos, uma vez que o processo permite melhor utilização da madeira, reduzindo as perdas e a geração de resíduos.

É preciso continuar investindo em tecnologia, devendo os produtos madeireiros acompanhar as novas exigências, como o desempenho e a qualidade ambiental. Em alguns anos, o setor de construção terá de adquirir produtos e sistemas que tenham seu desempenho e vida útil especificados pelo fabricante. Como os fabricantes de esquadrias de madeira vão se mobilizar nesse sentido? Como irão informar aos clientes qual o desempenho térmico e acústico de uma janela? Como garantir a vida útil de um assoalho?

Com relação à garantia aos requisitos de sustentabilidade, é preciso ampliar a oferta de produtos certificados, ressaltando que, para a construção, não basta que a floresta ou que a tora de madeira seja certificada, mas tais produtos precisam também atender a requisitos de qualidade e de desempenho. Cada vez mais os empreendimentos estarão inserindo requisitos de sustentabilidade, mesmo

* Coordenadora Técnica do Comitê de Meio Ambiente do SindusConSP e do Programa de Construção Sustentável da CBIC - Câmara Brasileira da Indústria da Construção. Membro do GT Gestor do Programa Madeira Legal.

para aqueles que não buscam as certificações ambientais. É a tendência de mercado. demanda está crescente, é preciso que o setor madeireiro tenha produtos a ofertar e, para isso, é preciso o diálogo. As obras consomem produtos, e não toras, de madeira. É preciso fortalecer não apenas o plantio e o manejo de florestas, mas também a industrialização e a comercialização.

FAZEMOS AS SEGUINTE RECOMENDAÇÕES PARA A EXPANSÃO DO SETOR FLORESTAL MADEIREIRO CERTIFICADO NA AMAZÔNIA:

1 - O potencial de mercado.

Este estudo identificou o mercado de construção civil no estado de São Paulo com potencial nas compras de materiais certificados. É preciso, a partir dessas informações, desenhar uma estratégia exclusiva para satisfazer as necessidades dos compradores e dos fornecedores de madeira certificada, de modo a apoiar potenciais transações comerciais. Outros mercados podem ser identificados e incorporados a essa estratégia no futuro;

2 - O aumento do valor de uso e a lucratividade da floresta

Muitos produtores florestais, entrevistados neste estudo, viram, nos produtos florestais não madeireiros (óleos, sementes, etc.) e em serviços (carbono, etc.), boas possibilidades de uso adicional das florestas certificadas. O aumento da quantidade de produtos e de serviços nas áreas certificadas poderia estimular a entrada de novos produtores e auxiliar na diluição dos custos diretos e indiretos da certificação florestal. Da mesma forma, o desenvolvimento de tecnologias para o melhor aproveitamento das diferentes espécies de madeira existentes poderia aumentar a competitividade desses produtos;

3 - Sistemas que facilitem as transações comerciais

O FSC Internacional já deu um primeiro passo, nessa direção, ao criar o sistema info (info.fsc.org), que contém todas as informações sobre os empreendimentos certificados em manejo florestal e em cadeia de custódia no planeta. No nível nacional, talvez uma plataforma desenhada a partir das informações dos empreendimentos florestais brasileiros possa ser produzida, na tentativa de conectar a oferta e a demanda de materiais e de produtos certificados;

4 - Explorar os benefícios da certificação na imagem das empresas

Grande parte dos empreendimentos contatados no estudo destacou a melhoria da imagem da empresa como a principal vantagem da certificação. Nesse sentido, as empresas certificadas devem criar estratégias de mercado, visando a repassar esse diferencial de imagem a toda a cadeia produtiva;

5 - Campanhas de divulgação do selo FSC no mercado nacional

A divulgação seria voltada aos elos compradores intermediários da cadeia, em especial àqueles dispostos a pagar um diferencial de preço pelos produtos certificados. O mesmo raciocínio é válido para o selo FSC comunitário. Em especial, as atuais serrarias e as indústrias, que adquirem madeira em tora certificada, ou madeira processada a partir de outras serrarias, seriam alvos interessantes, nessa direção;

6 - O papel do governo nas compras públicas

Embora a participação do governo nas compras de produtos madeireiros amazônicos seja ainda desconhecida, ele possui um papel-chave para estimular a produção e o consumo de madeira certificada. Licitações de compras e outros mecanismos poderiam dar preferência a

fornecedores que possam suprir produtos de boa origem;

7 - O papel do governo no aumento dos incentivos. A primeira recomendação é que se continue dando prioridade a ações de combate à exploração ilegal. Em seguida, o governo precisa reconhecer que a certificação florestal auxilia no monitoramento e no controle do setor e retira das agências públicas parte da carga imposta por ações de fiscalização. É importante que sejam avaliados mecanismos para o incentivo à certificação, em aspectos como impostos, subsídios ou incentivos³¹. Em seguida, é necessária uma estratégia para a concessão de crédito financeiro às empresas que tenham a certificação.

A ECONOMIA DA FLORESTA NATIVA: A INFORMALIDADE, A ILEGALIDADE E A IMPUNIDADE RESISTIRÃO À INÉDITA MOBILIZAÇÃO DOS ATORES DO SETOR?

Roberto S. Waack*

A economia da floresta amazônica continua assentada em dois pilares: a madeira ilegal e a comercialização de documentos para “esquentar” a madeira ilegal. Produtos madeireiros sustentáveis, não madeireiros e serviços ambientais continuam restritos a um conjunto esparso de casos empresariais e comunitários. Não há escala transformadora. Imperam os três “is”: informalidade, ilegalidade e impunidade. Três is fortíssimos, que massacram um quarto i, o das intenções.

A maior parte das intenções relacionadas às formulações políticas dos últimos anos foi positiva, mas acabou por criar uma miríade de regras e de burocracias que impedem o

desenvolvimento de atividades empresariais, ou que foram abduzidas por agentes oportunistas. No primeiro grupo, encontra-se a legislação que regulamenta o acesso à rica biodiversidade amazônica, absolutamente desestimulante ao desenvolvimento científico e tecnológico e às atividades empresariais. Trabalhar com os produtos da biodiversidade brasileira é procurar uma encrenca burocrática, é lidar com um labirinto legal e arriscar-se a receber multas complicadíssimas. No segundo grupo, encontra-se o setor madeireiro.

Nele, podem-se agrupar as ações da política para florestas naturais em quatro categorias. A primeira relaciona-se a medidas de comando e de controle impactantes, educativas e midiáticas. A segunda envolve a criação de um arcabouço jurídico para que as florestas públicas possam ser submetidas a manejo florestal sustentável por meio de concessões públicas — ação fundamental para que os produtos florestais com origem conhecida sejam disponibilizados. A terceira envolve alterações no sistema de controle das transações e o transporte de madeira com o sistema DOF³². A última relaciona-se à descentralização das atividades de licenciamento da esfera federal (IBAMA) para órgãos ambientais estaduais. É uma importante iniciativa para desobstruir o gargalo processual que se acumulava em Brasília.

Todos os quatro grupos caminham no sentido correto, mas estão longe de proporcionar um ambiente de negócios viável para as operações legais. As medidas de comando e de controle sufocam infratores, mas, em si, não criam alternativas para um mercado crescentemente demandante. Dependem

* Presidente da Empresa Amata e membro do Conselho Internacional do FSC.

³¹ O Serviço Florestal Brasileiro, no sistema de concessões florestais, dá um passo inédito nesse sentido, ao conceder bonificações de preços aos concessionários certificados; todavia faz-se necessário que esse pacote de apoio seja avaliado e estendido.

³² DOF é sigla de documento de origem florestal. Sigla de Ministério do Meio Ambiente.

de outras ações institucionais. As concessões de florestas públicas não decolaram na velocidade necessária, não despertaram interesse de grupos empresariais no volume adequado e não garantiram a oferta de áreas com escala relevante para uma boa equação econômica. A mudança do paradigma florestal e industrial de madeiras tropicais requer altos investimentos e perspectivas de retorno em prazos longos, bem diferente do sistema vigente de hiper-exploração, exaustão florestal e migração contínua para novas áreas a degradar.

O sistema DOF gera uma das maiores perversidades já observadas no ambiente competitivo da madeira tropical: a falsa legalidade. Entre as inúmeras fragilidades encontram-se planos de manejo falsos ou fantasmas, créditos fictícios, inserções ilícitas de créditos madeireiros no sistema, transferências fraudulentas de créditos e super-exploração de planos aprovados. O Ministério Público Federal já documentou incongruências no sistema, como caminhões de toras que cruzam o território amazônico em tempos absurdos e modais e rotas impossíveis. Finalmente, a descentralização provocou a perda de informação sobre a localização de planos de manejo aprovados e volumes de madeira autorizada para o corte. Fortaleceu-se o mercado de venda de autorizações de exploração, que são valiosos, pois geram créditos para o sistema DOF.

Esse quadro é agravado pela precariedade das informações econômicas sobre o mercado nacional de madeira. As principais fontes de informações — ITTO, FAO e IMAZON/SFB — não são convergentes. Os dados de consumo de toras de espécies nativas variam entre 15 e 25 milhões de metros cúbicos por ano, e o de madeira

serrada, entre 6 e 15 milhões. Parece ser claro que há um decréscimo no consumo de madeira tropical, decorrente de fatores como as medidas de combate ao desmatamento, associadas à consolidação, no mercado, de produtos substitutos.

O cenário descrito parece desanimador, mas oferece perspectivas promissoras. Nunca houve tanta convergência no diagnóstico da situação. Nunca tantos atores distintos foram envolvidos. Instituições financeiras, como BNDES e IFC, estão ativamente engajadas, com iniciativas como o apoio a parcerias público-privadas, as concessões públicas de florestas, as linhas alternativas de financiamentos e fundos florestais. Organizações, como a CNI, e grandes empresas de consultoria, como a PWC e a McKinsey, estão voltadas à busca de soluções para a valorização da floresta nativa e para movimentos como a Iniciativa Brasileira de Negócios da Biodiversidade. Organizações sindicais da construção civil e do comércio da madeira mobilizam-se para reduzir o espaço da falsa legalidade, propondo melhorias para o Sistema DOF e para a fiscalização. Estratégias tributárias estão sendo propostas para a madeira com rastreabilidade comprovada. O mercado internacional, especialmente Europa e EUA (FLEGT, DD Process, Lacey Act), estão incorporando dimensões que vão além da simples legalidade documental, orientando-se progressivamente para componentes socioambientais e para a origem dos produtos. Finalmente, no âmbito governamental, ocorre intensa e inédita mobilização do MMA com ministérios da Fazenda, do Planejamento, da Ciência & Tecnologia e da Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade da Presidência da República.



Referências Bibliográficas

BARRETO, P.; PINTO, A.; BRITO, B.; HAYASHI, S. Quem é dono da Amazônia: uma análise do cadastramento de imóveis rurais. IMAZON. Belém: IMAZON, 2008. 74p.

LENTINI, M.; PEREIRA, D.; CELENTANO, D.; PEREIRA, R. Fatos Florestais da Amazônia 2005. IMAZON. Belém: IMAZON, 2005. 142p.

MACQUEEN, D., DUFEY, A., GOMES, A.P.C., NOUER, M.R., SUÁREZ, L.A.A., SUBENDRANATHAN, V., TRUJILLO, Z.H.G., VERMEULEN, S., VOIVODIC, M. de A. and WILSON, E. (2008) Distinguishing community forest products in the demand for a mechanism that brings together forest certification and fair trade. IIED Small and Medium Forestry Enterprise Series No. 22. IIED, Edinburgh, UK, 2008.

PEREIRA, D.; SANTOS, D.; VEDOVETO, M.; GUIMARÃES, J.; VERÍSSIMO, A. Fatos Florestais da Amazônia 2010. IMAZON. Belém: IMAZON, 2010. 126p.

SCHNEIDER, R.; ARIMA, E.; VERÍSSIMO, A.; BARRETO, P.; SOUZA JR., C. Amazônia Sustentável: limitantes e oportunidades para o desenvolvimento rural. BANCO MUNDIAL e IMAZON. Belém: IMAZON, 2000. 71p.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO - SFB. Florestas do Brasil em resumo - 2010: dados de 2005-2010. Serviço Florestal Brasileiro. Brasília: SFB, 2010. 152 p., il.; 9 x 12,5 cm.



SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO -
SFB. Plano Anual de Outorga Florestal 2012.
Serviço Florestal Brasileiro. Brasília: SFB,
2012. 132 p.

SOBRAL, L.; VERÍSSIMO, A.; LIMA, E.;
AZEVEDO, T.; SMERALDI, R. Acertando o
Alvo 2: Consumo de Madeira Amazônica e
Certificação Florestal no estado de São
Paulo. IMAZON, IMAFLORA e AMIGO DA
TERRA – AMAZÔNIA BRASILEIRA. Belém:
IMAZON, 2002. 74p.



Anexos

Resultados secundários do estudo.

Na tentativa de manter a estrutura do relatório coesa e de fácil leitura, reportamos nesta seção alguns resultados secundários obtidos pelo estudo.

Outros produtos passíveis de exploração das florestas certificadas.

Fora a madeira em tora, e eventualmente os resíduos da exploração, os entrevistados foram questionados sobre outros produtos alternativos que poderiam ser explorados das florestas certificadas de forma bem sucedida. Curiosamente, 80% dos entrevistados citaram frutos, sementes e castanha como produtos que mereceriam uma prospecção para a exploração. O óleo de copaíba (*Copaifera sp.*) foi citado por 40% dos entrevistados, e o carvão vegetal por 30%. Apenas 10% dos entrevistados citou a formação de projetos para a venda de créditos de carbono como uma alternativa interessante para a agregação de renda de suas florestas.

Outros tipos de certificação.

A grande maioria das serrarias e indústrias identificadas no estudo possui o FSC como o único tipo de certificação. Cerca de 8% das empresas possui também o cadastro do CADMADEIRA. Outros 8% possuem outros tipos de certificação como o Cerflor, a ISO 9000 e o selo Acre Certificado. Entre as florestas certificadas, apenas uma possui outro tipo de certificação de origem de matéria prima que não seja o FSC.

O sobrepreço pago pelos produtos certificados.

Existe um entendimento de muitos atores envolvidos no setor florestal amazônico de que há um sobrepreço pago pelos produtos certificados em comparação aos produtos não certificados. Vimos neste estudo, entretanto, que tanto as florestas certificadas como as serrarias e indústrias certificadas reportaram que o sobrepreço pago é eventual, ou até raro. Durante o estudo, coletamos impressões dos entrevistados sobre o percentual de sobrepreço pago por seus produtos, assim como coletamos dados de preços de produtos



certificados para calcular o possível sobrepreço por tipo de produto e destino. Infelizmente, devido à grande variedade de produtos, espécies, especificações e destinos desta produção, não foi possível analisar tais dados de forma a encontrar os possíveis efeitos de sobrepreço.

A produção não certificada das serrarias e indústrias certificadas atuais.

Em 2011, estimamos que as serrarias e indústrias certificadas produziram 107,7 mil m³ de produtos madeireiros certificados e 146,6 mil m³ de produtos não certificados. Cerca de 52% desta produção não certificada (76,2 mil m³) foi comercializada no estado de São Paulo, seguida pela região sul do país, com 24% (35,2 mil m³).

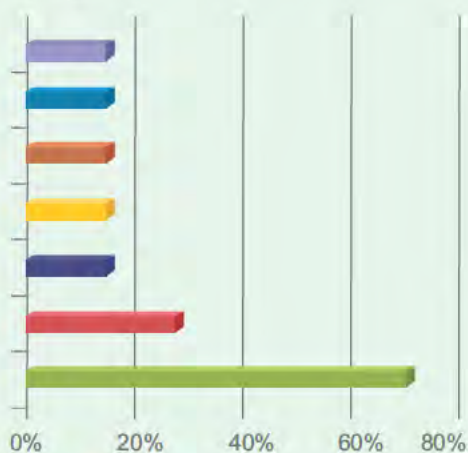
Razões aferidas pelas serrarias e indústrias certificadas para a substituição ou não de suas compras de produtos não certificados por certificados.

Entre os empreendimentos que não tem interesse na substituição, a razão mais importante aferida pelos entrevistados (50%

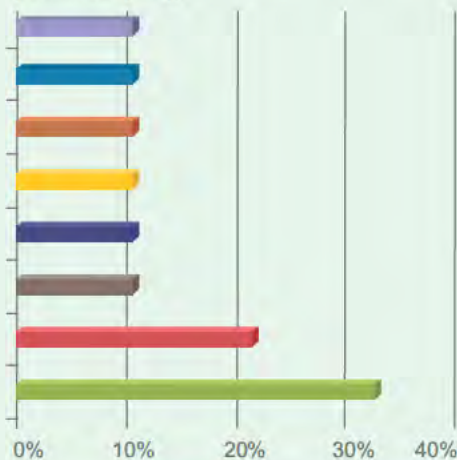
dos entrevistados que responderam negativamente) se refere à falta de um mercado que os recompense por isto. Entre os entrevistados que responderam positivamente, a principal razão é que enxergam um claro aumento da demanda (quase 30% dos entrevistados que responderam positivamente) ou a necessidade de aumento de responsabilidade social advinda desta medida.

Principais setores para a expansão da demanda pelos produtos certificados na opinião dos entrevistados neste estudo (Fonte: dados deste estudo).

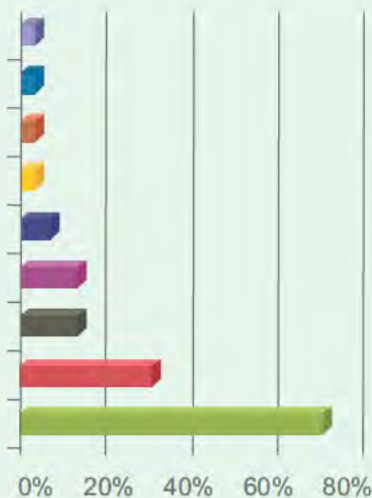
Principais setores na opinião dos entrevistados em florestas certificadas (n=7);



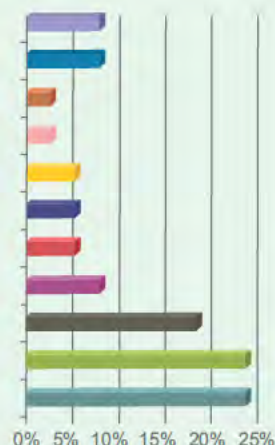
Principais setores na opinião dos entrevistados em florestas certificadas potenciais (n=9);



Principais setores na opinião das serrarias e indústrias certificadas (n=30);



Principais produtos para os quais é previsto uma maior demanda por fontes certificadas na opinião das serrarias e indústrias certificadas (n=34)



Relações estatísticas utilizadas.

No Capítulo 2 fizemos uma estimativa da produção que poderia se tornar certificada caso os produtores potenciais realmente alcançassem a certificação no curto prazo (2012-13). Esta estimativa foi resultante de um modelo de regressão linear simples ajustado para explicar a relação entre a área total e a produção madeireira das atuais florestas certificadas na Amazônia. O uso desta regressão se fez necessário porque a produção estimada pelos entrevistados das florestas potenciais estava acima do que seria possível pelas regras de certificação. O modelo e as principais estatísticas encontradas para o mesmo estão expressos abaixo.

Modelo estatístico linear

$$y_i = \beta_0 + \beta_1 X_i + \varepsilon_i$$

Onde y_i são os valores da variável dependente ($i=1$ a n), neste caso representado pela produção anual da floresta certificada, em m^3 ; β_0 é a constante do modelo, ou o intercepto da regressão; β_1 é o parâmetro ligado à variável independente; X_i é a variável independente do modelo, neste caso, a área total certificada do empreendimento, em hectares; ε_i representa os resíduos do modelo ajustado. Resíduos são assumidos como independentes, com média zero e variância constante.

Seguem abaixo os valores do intercepto (β_0) e do parâmetro da variável independente (β_1), com os respectivos erros padrão e estatística t. Este último é calculado para determinar a significância dos parâmetros. Apenas o parâmetro β_1 se mostrou estatisticamente significativo ao nível de 95% de probabilidade. Entretanto, o coeficiente de determinação ajustado (R^2 ajustado) encontrado para o modelo foi de 0,73, explicando de forma eficiente a relação entre a produção madeireira e a área total certificada.

	Coefficiente s	Erro Padrão	Estatística t	Probabilidade associada a t
Interseção (β_0)	11.943,07384	9.271,809879	1,288105989	0,221993402
Parâmetro (β_1)	0,346740753	0,05655063	6,131510028	5,0868E-05



Realização



Tel.: +55 (19) 3429-0800 | Fax: +55 (19) 3429-0809

Estrada Chico Mendes, 185 | CEP 13426-420

Piracicaba | SP | Brasil

imaflora@imaflora.org

www.imaflora.org

Parceria



A marca do manejo
florestal responsável

Apoio Financeiro

